

TÂNIA RUTE OSSUNA DE SOUZA

**POTENCIALIDADES E PERSPECTIVA DE
DESENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE CATÓLICA
SÃO JOÃO CALÁBRIA - CAMPO GRANDE - MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
CAMPO GRANDE - MS**

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TÂNIA RUTE OSSUNA DE SOUZA

**POTENCIALIDADES E PERSPECTIVA DE
DESENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE CATÓLICA SÃO
JOÃO CALÁBRIA - CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
CAMPO GRANDE - MS
2009**

Ficha catalográfica

Souza, Tânia Rute Ossuna de
S729p Potencialidade e perspectiva de desenvolvimento na Comunidade
Católica São João Calábria - Campo Grande - MS / Tânia Rute
Ossuna de Souza; orientadora, Maria Augusta de Castilho, 2009.
108f.: + anexos

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento local) -
Universidade Católica dom Bosco. Campo Grande, 2009

1. Comunidades cristãs 2. Desenvolvimento local I. Castilho,
Maria Augusta de

CDD – 254.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Potencialidades e perspectiva de desenvolvimento na Comunidade Católica São João Calábria - Campo Grande - MS

Área de Concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento local em dimensões sóciocomunitárias com atenção em comunidades tradicionais.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª Drª Maria Augusta Castilho - UCDB

Profª Drª Cleonice Alexandre Le Bourlegat - UCDB

Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa - UCDB

Profª Drª Teresa Malatian - UNESP - Franca

Dedico o presente trabalho à
minha família, que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar coragem e força para iniciar mais esta etapa em minha vida.

Ao meu esposo Marcílio Domingues de Souza que, de uma forma ou de outra, contribuiu para que eu pudesse estar ausente durante meus estudos, por sua compreensão, apoio constante, motivação maior da minha vida.

A minha querida e amada filha Àguida Bianca Ossuna de Souza, razão dos meus esforços, pelo incentivo.

Aos meus pais Ozail Ozuna e Erminia Ozuna, pela vida, pelas palavras de amor, fé e estímulos, por serem uma bênção em minha vida.

Aos meus irmãos Gerson Wagner, Katia Cilene, pelo apoio e, em especial, ao Tirson Ricardo Ozuna, pela contribuição em todos os momentos.

Aos meus professores do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, em especial à professora Pós-doutora Maria Augusta Castilho, pelos conhecimentos e troca de informações compartilhadas.

Aos meus colegas e amigos do mestrado, com os quais tive a felicidade de conviver durante o curso, pelo carinho e atenção.

A minha grande amiga Márcia Esbrana pelo incentivo e colaboração no decorrer deste trabalho.

Ao meu estimado amigo Paulo Cezar Rodrigues dos Santos, pela especial contribuição nos momentos de conhecimentos tecnológicos.

A todos que nesta longa jornada estiveram comigo.

“Louvai ao Senhor todas as nações, todos os povos. Porque a sua benignidade é grande e se estende até aos céus, e a tua verdade chega até as mais altas nuvens”.

(SALMO, 108)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre a interação de uma comunidade católica que busca demonstrar alguns aspectos relevantes das ações comunitárias, conceitos, experiências, métodos, dinâmicas sobre a fé católica, bem como o território, a territorialidade, o capital social, as potencialidades e perspectivas de Desenvolvimento Local. A Paróquia São João Calábria localiza-se no Município de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, à rua Oliveira Rodrigues da Luz, nº 247, no Bairro Macaúbas. A comunidade São João Calábria permitiu a materialização da pesquisa com aprofundamento teórico, embasada em coleta de dados e informações por meio de consultas documentais e instrumentos de investigação utilizados nas visitas *in loco*, por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. No diálogo com os agentes internos e externos e na interpretação dos dados coletados, identificaram-se as performances e a socialização das potencialidades, participação e as principais iniciativas das pastorais junto à comunidade local. Sobressai-se também a valorização do capital humano, a confiança, a solidariedade e o companheirismo realizados por meio de musicalidade, projetos sociais, missa afro-brasileira, decorrente das diferentes performances comunitárias, que confrontam com a realidade atual. Destacou-se a formação de lideranças, em que o sentimento de pertença é visível com potencialidades voltadas para o Desenvolvimento Local.

Palavras-chave: Comunidade; Territorialidade; Religião; Identidade Afro-brasileira.

ABSTRACT

In this dissertation wanted to make a reflection regarding the interaction of a Catholic community that seeks demonstrate some important aspects of their community action, concepts, experiences, methods, dynamic on the Catholic faith, and the territory of territoriality, the capital, the potential and prospects for local development of the Parish São João da Calábria located in Campo Grande, state of Mato Grosso do Sul, located on the street Oliveira Rodrigues da Luz, number 247, in the neighborhood Macaúbas. This community has allowed São João da Calábria in the materialization of search through collections of information and documentation which were analysed in a perspectiva the phenomenological theory. The instruments of research methodology was used in site visits, participation in the pastoral, semi-structured interviews and application of a questionnaire. In the dialogue with the internal and external agents and interpretation of information collected, we identified the performances and socialization of potential, participation and the major initiatives of this pastoral with the local community. In terms of finding out is the enhancement of human capital, confidence, solidarity and companionship, investing in study through musicality, cultures, social projects, Mass Afro-Brazilian, arising from the different performances community that faced with current reality. In the training of leaders, who fortify feelings of belonging, as prospects for local development.

Key-words: Community; Territory; Religion; Afro-Brazilian identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Relação: cultura versus comunidade.....	17
Figura 2 - Potencialidade - comunidade - indivíduo	21
Figura 3 - Articulação espaço-lugar-comunidade-território	24
Figura 4 - Relação religião-capital humano	28
Figura 5 - Mapa do bairro Macaúbas - Campo Grande	34
Figura 6 - Localização da Paróquia São João Calábria	35
Figura 7 - Instâncias de poder da territorialidade católica.....	38
Figura 8 - Vista da Igreja São João Calábria - vista frontal.....	39
Figura 9 - Pároco Padre Josuel Boaventura	41
Figura 10 - Imagem de São João Calábria	42
Figura 11 - Comunidade São Thiago e São Felipe - vista parcial	45
Figura 12 - Imagem de São de Thiago e São Felipe	45
Figura 13 - Comunidade São Lourenço - vista parcial.....	46
Figura 14 - Imagem de São Lourenço - vista frontal.....	46
Figura 15 - Comunidade São José Operário	47
Figura 16 - Imagem de São José Operário	47
Figura 17 - Comunidade São Vicente de Paulo - vista frontal.....	48
Figura 18 - Imagem São Vicente de Paulo	48
Figura 19 - Comunidade São Lucas - vista frontal.....	49
Figura 20 - Imagem de São Lucas	49
Figura 21 - Comunidade Nossa Senhora Rainha da Paz - vista parcial.....	50
Figura 22 - Imagem de Nossa Senhora Rainha da Paz.....	50
Figura 23 - Comunidade São Mateus - vista frontal e altar no interior	51
Figura 24 - Imagem de São Mateus	51
Figura 25 - Comunidade São Marcos - vista frontal.....	52
Figura 26 - Imagem de São Marcos.....	52

Figura 27 - Vista parcial da Casa Paroquial São João Calábria	53
Figura 28 - Irmã Denise Carvalho	56
Figura 29 - Centro Crianças do projeto Centro Social Madre Maria Hubert: crianças vinculadas ao projeto	57
Figura 30 - Jader Luís Cavalli.....	57
Figura 31 - Coral da Paróquia São João Calábria	58
Figura 32 - Cibele Cristina Bontorim	59
Figura 33 - Dina Marques	59
Figura 34 - Capa do primeiro CD do Coral	60
Figura 35 - Capa do segundo CD do Coral.....	60
Figura 36 - Talita Fernandes da Silva	61
Figura 37 - Ana Vitória Fernandes	61
Figura 38 - Thamires Souza de Freitas	61
Figura 39 - João Rafael Fernandes Bontorem	62
Figura 40 - Jhenifer Karoline Carvalho Duarte	62
Figura 41 - Ensaio do coral.....	63
Figura 42 - Apresentação do coral fora da comunidade 2007	63
Figura 43 - Valores civilizatórios	67
Figura 44 - Liturgia aculturada	69
Figura 45 - Aparecida da Silva Rodrigues.....	70
Figura 46 - Claudemir Novaes de Souza	71
Figura 47 - Preparação das oferendas para a missa afro-brasileira.....	72
Figura 48 - Celebração da missa afro	73
Figura 49 - Ivone Brito de Oliveira	73
Figura 50 - Festa das oferendas da missa afro	74
Figura 51 - Momento de partilha na missa afro.....	75
Figura 52 - Saudação à Negra Mariana na missa afro	76
Figura 53 - Padre Ivan Luis Bassotto	77
Figura 54 - Padre Ivan Luis Bassotto celebrando a missa afro.....	78
Figura 55 - Interligação das comunidades com a Paróquia São João Calábria	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1 COMUNIDADE	15
1.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	17
1.3 POTENCIALIDADES	20
1.4 ESPAÇO, LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.....	23
1.5 RELIGIÃO CATÓLICA E CAPITAL HUMANO	27
2 PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA	34
2.1 HISTÓRICO DA COMUNIDADE.....	39
2.2 DADOS BIOGRÁFICOS DE JOÃO DA CALÁBRIA	42
2.3 COMUNIDADES PERTENCENTES À PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA.....	45
2.3.1 Comunidade São Thiago e São Felipe	45
2.3.2 Comunidade São Lourenço	46
2.3.3 Comunidade São José Operário	47
2.3.4 Comunidade São Vicente de Paulo	48
2.3.5 Comunidade São Lucas	49
2.3.6 Comunidade Nossa Senhora Rainha da Paz	50
2.3.7 Comunidade São Mateus	51
2.3.8 Comunidade São Marcos	52
2.4 CORAL DA COMUNIDADE CATÓLICA SÃO JOÃO CALABRIA	53
2.4.1 Coral da comunidade católica São João Calábria	58
3 A MISSA AFRO-BRASILEIRA	65
3.1 MISSA AFRO-BRASILEIRA E SEUS VALORES CIVILIZATÓRIOS	65
3.2 LITURGIA EM MOVIMENTO	69

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar as potencialidades e perspectiva de Desenvolvimento Local na comunidade católica São João Calábria, localizada no Bairro Jardim Macaúba, em Campo Grande, Estado de Mato Grosso de Sul, enfocando as ações da igreja católica desenvolvidas na referida comunidade, com destaque para a missa afro-brasileira.

A diocese de Campo Grande apresenta em seu território 37 paróquias divididas em cinco foranias, da seguinte forma: Forania Centro, Forania Sul, Forania Norte, Forania Oeste e Forania Rural; a comunidade pesquisada é uma das paróquias pertencentes à Arquidiocese de Campo Grande.

O estudo foi pautado na pesquisa qualitativa e quantitativa, a partir da abordagem sócio-histórica, da comunidade católica estudada, bem como observações por meio de questionários e entrevistas com os agentes internos e externos, além de consulta bibliográfica e documental que embasaram o percurso da dissertação.

Identificou-se a localização dessa comunidade que apresenta uma igreja onde são realizadas as missas, com manifestações de cunho sincrético, isto é, possuindo uma liturgia formal católica e ao mesmo tempo promovendo rezas e cantos característicos das religiões afro-brasileiras, demonstrando uma capacidade de sobrevivência e amplitude por seus encontros realizados dentro da própria comunidade.

A questão norteadora do estudo é verificar, por meio de análise *in loco*, se a comunidade estudada tem potencialidades para que aconteça o desenvolvimento local.

A pesquisa contemplou ainda a história de João Calábria, uma vez que ele é o principal ator das atividades voltadas para as comunidades cristãs. Destaca-se também a vivência da missa afro da comunidade São João Calábria, bem como a criação do coral e os valores cristãos desenvolvidos pela comunidade. Entretanto, o foco maior do estudo foi a

missa na paróquia, cuja característica principal é a mescla do catolicismo com os cultos afro-brasileiros. Para tanto, utilizou-se a história de vida do Padre Dega e a contextualização de sua chegada à comunidade local, a origem da missa aculturada, tomando-se como ponto de partida a posição e o ponto de vista do outro, contextualizando a alteridade.

A coleta de dados baseou-se em observações *in loco*, entrevistas, registros fotográficos, análise documental (arquivo da Paróquia São João Calábria) e bibliográfica.

A importância de tal estudo dá-se no âmbito de que a religião faz parte da sociedade e essa sociedade se vê e vive essa religião, seu culto, suas festas.

A análise do desenvolvimento local da Comunidade Católica São João Calábria foi realizada ao se inferir a importância de conceitos tais como: o espaço, território, capital social, comunidade e suas potencialidades e perspectivas de desenvolvimento local. Desse modo, o apego ao sagrado pode também se refletir além do interior da igreja, interferindo no cotidiano dos moradores de toda comunidade calabriana.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos que foram distribuídos da seguinte forma:

- O primeiro capítulo trata do referencial teórico, com destaque para os aspectos contextuais da comunidade estudada, procurando-se entender a identidade religiosa e territorial da comunidade São João da Calábria, no contexto de desenvolvimento local e os vínculos afetivos ao local, bem como os fatores que motivaram os efeitos das riquezas e das potencialidades. Nesse aporte, ocupam lugar de suma importância os conceitos de espaço, lugar, território e a territorialidade.

- O segundo capítulo aborda a territorialidade da comunidade São João Calábria, objetivando descrever a sua localidade, a parte histórica e as capelas que fazem parte da Paróquia São João Calábria, assim como o coral e os métodos utilizados para a motivação e descoberta da musicalidade das crianças e adultos da referida comunidade.

- O terceiro capítulo enfatiza a construção e a celebração da missa afro-brasileira da comunidade São João Calábria que é o foco da pesquisa, demonstrando a liturgia em movimento, a participação da comunidade e a capacidade de sobrevivência e amplitude por seus encontros de estudos realizados dentro dos pressupostos teóricos da cultura afro-brasileira.

- O quarto capítulo, apresenta as análises e interpretações dos dados coletados *in loco* na comunidade pesquisada.

A seguir, são apresentadas as considerações finais, as referências, os apêndices e finalmente os anexos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

As relações humanas vivenciadas em uma comunidade determinam entre as pessoas seus direitos e deveres, garantindo a todos a vez e a voz de cada indivíduo, respeitando a singularidade e diferenças de cada um, reafirmando a identidade comunitária. Daí a importância de se contextualizar o que venha a ser comunidade.

1.1 COMUNIDADE

A comunidade pode ser um sistema mutável e variável na dinâmica de relacionamentos, determinando os rumos de um grupo de pessoas (BAPTISTA, 1979).

Na visão de Ávila (2001, p. 31-33):

[...] comunidade se configura por um grupo de pessoas que se convergem, articulam e interagem através de relacionamentos primários e a sociedade também se constitui de grupo de pessoas que se convergem, articulam e interagem só que, ao inverso da comunidade, por relacionamentos secundários.

Por esse prisma, a comunidade é formada por um grupo ou agrupamento de pessoas com interesses e necessidades comuns ou semelhantes que se solidificam entre seus membros.

Para Melder (apud ÁVILA, 2000, p. 31) a comunidade:

Consiste em um círculo de pessoas que vivem juntas, que permanecem juntas de sorte que buscam não este ou aquele interesse particular, mas um conjunto inteiro de interesses, suficientemente amplo e completo de modo a abranger suas vidas.

O desenvolvimento de uma comunidade pressupõe a própria comunidade como peça fundamental para que sejam criadas condições de melhoria da sua infra-estrutura econômica, social, cultural e de todas as atividades comunitárias.

Ao se analisar sociologicamente as duas formas básicas de agrupamento dos seres humanos, desde o surgimento da espécie: comunidade e sociedade. Percebe-se que a comunidade é formada por grupos ou agrupamentos de pessoas com interesses e necessidades comuns ou semelhantes, cujo relacionamento primário é sua principal característica em termos de convivência e articulação entre seus membros, que convergem, interagem através de relacionamentos primários (ÁVILA, 2000).

Já a sociedade se constitui de grupos de pessoas que se convergem, articulam e interagem só que ao inverso da comunidade, ou seja, por relacionamento secundário. Este, ao contrário dos primários, decorre de regras formais (leis, regimentos, regulamentos, e quaisquer outros tipos de normas e decisões coletivas) e se respaldam nelas. Assim, comunidade não pode ser entendida e relacionada somente por aspectos primários e secundários, mas deve contextualizar os territórios adequados e propícios à implantação de programas e políticas de desenvolvimento local, enraizadas na vida em comunidade, tornando acessível ao homem todas as coisas de que ele necessita.

Precisa-se buscar um ponto de equilíbrio dentro da comunidade entre os dois relacionamentos. Ávila (2001, p.33) assinala que :

A comunidade média ideal para efeito de desenvolvimento local é aquela que tem preponderância dos relacionamentos primários sobre os secundários ou no máximo se constate o equilíbrio entre essas duas categorias: a localidade demasiadamente primarizada é muito conservadora e fechada, tendendo a se manter no isolamento. E a muito secundarizada já se encontra esfacelada em termos de seus comuns sentimentos, interesses, objetivos, perfis de identidade e outros laços de coesão espontânea, sem os quais o desenvolvimento não emergirá de dentro para fora da própria comunidade.

A cultura é muito importante em uma comunidade, pois ela, segundo Johnson (1997, p. 59 apud ÁVILA, 2006):

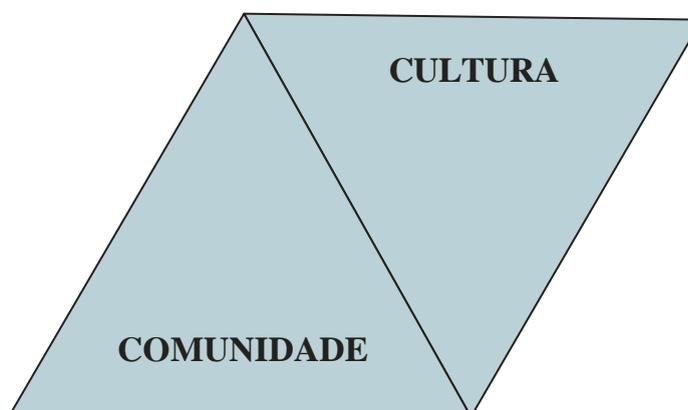
É o conjunto acumulado de símbolos, idéias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com ESTRUTURA SOCIAL, POPULAÇÃO e ECOLOGIA, constitui um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

Ávila (2006) analisa ainda que a cultura do ponto de vista sociológico é um conjunto acumulado de símbolos, idéias e produtos associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Esse autor, ainda considera a cultura sob dois aspectos: a cultura material inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva, e a cultura não-material, em que são incluídos símbolos - de palavras à notação musical-, bem como as idéias que modelam e informam a vida de seres humanos em relação recíprocas as atitudes, crenças, valores e normas.

A cultura como conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica, enseja o direcionamento na definição do papel da cultura para a prospecção do futuro, ela ajuda a conhecer o presente dessa mesma sociedade ou comunidade.

A idéia de cultura não pode, portanto, ser separada da idéia de comunidade e de território (ver figura 1 a seguir).

Figura 1 - Relação: cultura versus comunidade.



Na comunidade católica torna-se necessário salientar a comunidade eclesial de base (CEB), que está na base da organização da paróquia.

1.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL

O desenvolvimento é uma terminologia pertinente às diferentes comunidades e sociedades mundiais, regionais e locais. Para tanto, Baptista (1979, p. 15) afirma que o “[...]”

desenvolvimento é como um processo macro-sociológico, caracterizado por mudanças qualitativas das condições vigentes em uma sociedade”.

Nessa perspectiva, Souza (2000, p. 19) sinalizou que: “[...] desenvolvimento é, antes que uma mudança qualitativa das relações sociais, acima de tudo uma expansão quantitativa, nos marcos qualitativo essencial e inquestionados do modelo social capitalista”.

Portanto, o desenvolvimento enquanto fenômeno social pressupõe um processo de mudanças, com metas a serem alcançadas no tocante à elevação da qualidade de vida e ao bem comum dos indivíduos que se relacionam, respeitando a equidade nas relações sociais.

Dessa forma, o conceito para desenvolvimento local na visão de alguns autores, entre eles Bastos Filho (1999, p. 42), é bastante significativo:

[...] o desenvolvimento tem significado de qualidade, capacidade de crescer, estando diretamente ligado ou independente do capital social e humano das comunidades, implicando informações, e etimologicamente, [...] a nação de desenvolvimento remete à supressão de obstáculos e à das potencialidades.

Assim, Bastos Filho (1999) aponta que toda comunidade precisa de ações locais advindas do meio interno e externo para sobrevivência e sustento dos indivíduos que buscam transformações.

O conceito de Bastos Filho (1999) foi ampliado por Ávila (2000), em que extrapola a conjuntura econômica e, dessa forma, o desenvolvimento local abre novos caminhos, o que gera transformações, mudanças dentro dos padrões de vida em comunidade.

O desenvolvimento ocorre desde que seja despertado por indivíduos que permitam que suas capacidades e habilidades afluam dentro de uma comunidade, que vise ao processo educativo de cidadania.

Outro autor que aborda o desenvolvimento local é Dowbor (2005, p. 1), ressaltando que:

[...] o ser humano e os interesses coletivos e das maiorias como ponto central, convergindo para a possibilidade de potencialização das capacidades de todos os indivíduos. Desta forma, não é possível deixar de considerar fatores como qualidade de vida, socialização do poder, distribuição de renda democratização do acesso aos serviços públicos e aos bens culturais e aos benefícios da tecnologia. Ou seja, não é aceitável um desenvolvimento que não esteja baseado na consolidação e extensão de direitos iguais para todos os grupos da sociedade.

Para que haja verdadeiro sucesso do Desenvolvimento Local, é preciso que os autores e personagens de projetos sejam pessoas que vivem na comunidade, objetivando a qualidade de vida para todos.

Para Ávila et al. (2000, p. 23):

[...] o significado básico de local, achamos pelo menos conveniente aprofundarmos um pouco mais no nosso entendimento do que vem denominado local, no contexto da expressão desenvolvimento local, pela busca de compreensão também dos principais conceitos embutidos nas concepções de local [...]: espaço, território, comunidade (embora não explícito este vocábulo está fortemente latente em todas elas), identidade, solidariedade, potencialidade e agente [...].

Na maioria dos projetos em desenvolvimento local, geralmente, as pessoas envolvidas são bastante carentes e necessitam melhorar sua qualidade de vida e, conseqüentemente as ações solidárias que norteiam os projetos.

No contexto, a expressão desenvolvimento local demonstra distintas concepções de fundamentações, em que Lopez (1991) destaca que: quando se observa o local, refere-se a um espaço, a uma superfície territorial de dimensões razoáveis para o desenvolvimento da vida, com uma identidade que o distingue de outros espaços e de outros territórios e nos quais as pessoas conduzem sua vida cotidiana, se relacionam, trabalham, compartilham normas, valores, costumes e representações simbólicas em seu dia-a-dia.

Para que desenvolvimento local aconteça, os agentes internos precisam ter consigo conscientização, participação e o sentimento de pertença à comunidade intrínseca no processo. É necessário que as ações estejam voltadas para a própria comunidade, em que o sujeito se sinta parte integrante de seu meio.

Na visão de Ávila (2000, p. 723), o desenvolvimento local aparece com um desabrochamento de capacidades, competências e habilidades de gestão das próprias condições e qualidade de vida, metabolizando comunitariamente as participações contributivas dos agentes externos.

As relações pessoais e espaciais são importantes para que o sujeito se sinta parte da comunidade. O envolvimento afetivo é fortalecido pela autoestima e pela valorização das pessoas e do meio, com base no planejamento e na execução conjunta de ações em prol da comunidade.

O Desenvolvimento Local valoriza o local, propõe estabelecer uma relação de mútuo fortalecimento com a identidade cultural e comunitária, rede de solidariedade e gestão democrática.

López (1991, p. 42) destacou que:

Quando falamos de local, estamos nos referindo a um espaço, a uma superfície territorial de dimensões razoáveis para o desenvolvimento à vida, com uma identidade que o distingue de outros espaços e de outros territórios e no quais as pessoas conduzem sua vida cotidiana: habitam, se relacionam, trabalham, compartilham normas, valores, costumes e representações simbólicas.

Nesse sentido, há a necessidade de a comunidade começar a se organizar de forma solidária, com maior dinamismo nas atividades locais a fim de manter o equilíbrio necessário dentro da realidade global.

1.3 POTENCIALIDADES

A comunidade participa no processo de concepção e gestão do seu desenvolvimento por meio das suas próprias potencialidades e, para um melhor entendimento, Ávila (2000, p. 58-9) assinala:

a) Potências é a real capacidade, porém um estado virtual, de todos e quaisquer entes concretos que compõem a natureza do universo.

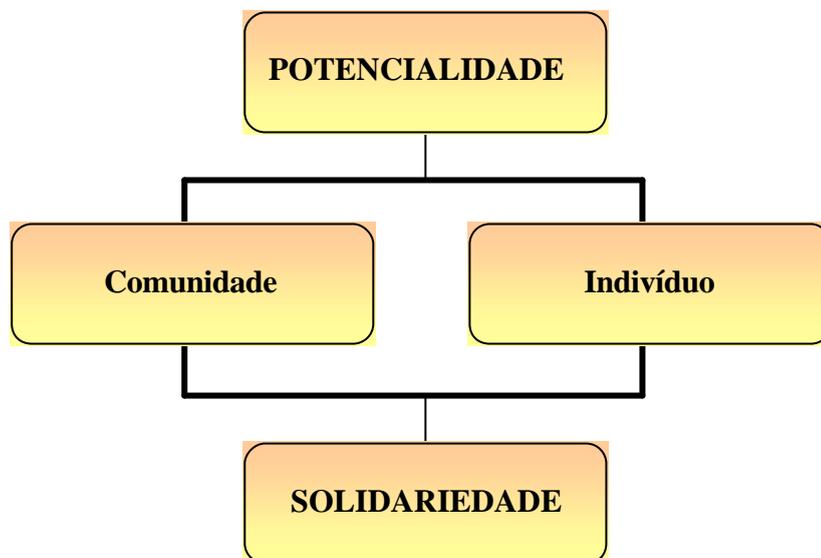
b) Potencial é a idéia, mais ou menos explícita, que se tem a respeito de cabedal dimensional de potências concernentes a elementos concretos que compõem o universo, individualizado de acordo com as naturezas e seus tipos.

c) Potencialidade é o termo que expressa à idéia de precisão, mais ou menos aprimorado a capacidade de ser, que integra o dimensionamento potencial.

d) Atos é o real estado no quais os seres são o que são. Ou, em relação inversa à potência, é o resultado real da efetiva concretização da capacidade de cada ente constituinte do universo ser o que de fato é.

A comunidade pode ter potencialidades desde que os indivíduos que a compõem tenham relações solidárias (ver figura 2).

Figura 2 - Potencialidade - comunidade - indivíduo.



O desenvolvimento deve partir da comunidade, por ações integradas, nas quais as pessoas adquirem capacidade de transformação, melhorando sua vivência na localidade, com a participação das influências internas e externas, surgindo, dessa forma, os agentes da localidade que faz a identidade do local e passa a ser figura central no processo de desenvolvimento.

As potencialidades de desenvolvimento das comunidades pressupõem na ótica do Desenvolvimento Local, a consciência da existência de uma ordem interna nas relações interpessoais, gerando padrões de organização que refletem a vida em sua cotidianidade. No entanto, as comunidades devem assumir progressivamente os rumos e as responsabilidades do desenvolvimento da localidade.

O movimento da comunidade surge com a possibilidade de os chamados agentes internos e externos de desenvolvimento interagirem com as comunidades, tendo em vista o desvendamento de suas potencialidades, sem perder de vista a relação dos cidadãos com os agentes de suas próprias histórias.

Para Verhelst (1992 p. 2-3):

[...] o estudo de necessidades e potencialidades devem substituir uma reflexão proveniente de uma mentalidade assistencial, mais ou menos paternalista, enraizada no passado, não se avalia mais um projeto de desenvolvimento sem que ele seja situado em seu contexto específico; o

apoio solicitado só será concedido, se ele contribuir para libertar homens e mulheres das estruturas que os exploram ou os oprimem.

Com base nos conceitos compulsados, confirma-se a idéia de que o Desenvolvimento Local se concretizará por meio do enriquecimento das potencialidades, qualidade estratégica para o desenvolvimento da comunidade e pela comunidade.

Nisbet (1978, p. 47), ao abordar a comunidade, afirma que:

[...] todas as formas de relacionamentos caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo. [...] A comunidade pode ser identificada ou encontrar sua expressão simbólica na religião, na nação, na raça, na profissão, nas cruzadas. Seu protótipo tanto histórico como simbólico, e a família, cuja nomenclatura ocupa lugar predominante em quase todos os tipos autênticos de comunidade. [...] Fase ao seu caráter relativamente impessoal e anônimo, essas relações evidenciam a estreita ligação pessoal que prevalece na comunidade.

Para Freire e Betto (1985, p. 17), potencialidade é:

Exatamente esta capacidade de atuar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, á qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz ser práxis. Se a ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira, humana de existir, isto não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem.

O mecanismo de revelar os fatores que levem ao desenvolvimento deve partir da comunidade, por ações integradas, nas quais as pessoas adquiram capacidade de transformação e movimentos endógenos que contribuirão para o despertar das potencialidades.

Ávila (2000, p. 62-3) relatou que as potencialidades no âmbito do desenvolvimento local devem levar em consideração alguns aspectos referenciais de fundo, como:

1º - O autêntico conceito de *desenvolvimento local* implica necessariamente a detecção e explicitação tanto das estritas *potencialidades locais de desenvolvimento* quanto de *condições* ou meios, endógenos e exógenos à dimensão local, evidentemente também com *potencialidades locais de desenvolvimento* do estado de latência para o de ser em ato da respectiva localidade, aqui entendida como ente coletivo, mas efetivamente constituída, por entes particulares, como pessoas, animais, componentes ambientais, etc., ou seja, a localidade é uma entidade piramidal com base formada por entes particulares e vértice por ente coletivizado em torno de sentimentos, objetivos, problemas, características, necessidades, conveniências e/ ou aspirações comuns.

2° - O autêntico *desenvolvimento local* só se efetivará se, no âmbito da respectiva *localidade*, a evolução das *potencialidades-condições* (concernentes a meios e recursos, naturais ou artificiais) se posicionar estrategicamente como subsídio mediador-reator da evolução das *potencialidades da comunidade localizada* como alvo e razão de ser centrais, dado que transformações de potenciais naturais (ou artificiais) em pontos turísticos, fontes de energia, etc., não significam em si mesmos *desenvolvimento local*: o conceito de *local* implica o de *comunidade localizada*, a qual, em verdade, é que deve assumir progressivamente os rumos, as rédeas, os compromissos e as responsabilidades concernentes ao desenvolvimento de toda a localidade, com a ajuda de *condições-meios* tanto internos, quanto, externos, aí incluídos os chamados *agentes* de desenvolvimento.

As transformações ocorrem em equidade, nas quais a comunidade interage o seu interesse de maneira natural, realizando-se fluentemente a partir dos diferentes fatos humanos, econômicos, técnicos, sociais e materiais, assim os agentes da localidade é que faz a identidade do local e passa a ser figura central no processo de desenvolvimento.

Ávila (2000, p. 67), aponta que:

[...] o *agente de desenvolvimento local* de fato age (do verbo agir), mas com finalidade, função e compromisso exclusivos de *agenciador/intermediador* (do verbo agenciar) na direção comunidade - > desenvolvimento (e não na inversa: desenvolvimento - > comunidade), ou seja, trabalhando e influenciando para que a comunidade mesma desabroche capacidades, competências e habilidades de desenvolvimento, sem a imediatista pretensão de querer levar o desenvolvimento *para* a comunidade ou de querer erigir iniciativas desenvolvimentistas *na* comunidade, que não fluam de seu real estágio de cultura, condições e política de progresso coletivo.

A preocupação na busca das potencialidades está sempre presente na comunidade, haja vista que as condições mínimas de padrão de vida e o bem-estar social relacionados com a manutenção e conservação do que já existe e também com a busca de alternativas para descobrir os potenciais, cuja finalidade é oportunizar melhorias na qualidade de vida da população.

1.4 ESPAÇOS, LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE.

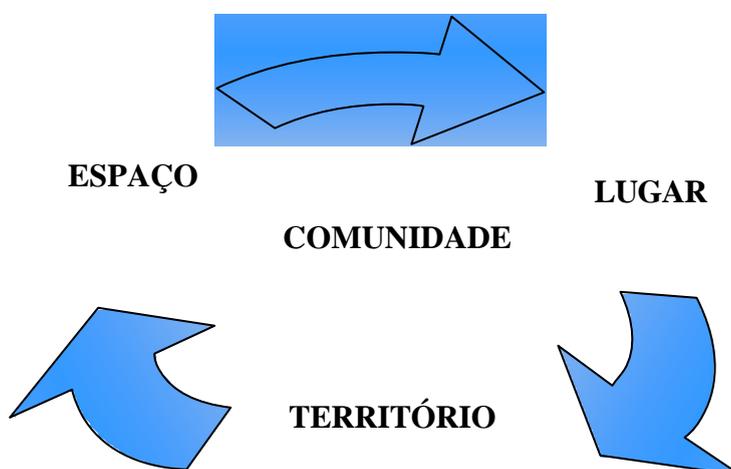
De acordo com os estudos antropológicos, ou mais precisamente a partir do *homo sapiens* o homem vem desenvolvendo, sua capacidade mental, cuja trajetória é desenvolvida em três camadas distintas: primitiva, intermediária e o córtex cerebral.

Esse desenvolvimento permitiu ao homem uma conscientização espacial do mundo vivido. No início, a coletividade era vista por meio dos rituais feitos pelos agrupamentos humanos, relação entre os indivíduos e o ambiente em que se vai formando a identidade coletiva e pessoal.

Para Durkheim (1999 apud LE BOURLEGAT, 2006), nessa primeira fase, o homem vive o coletivo, não há muitas diferenças entre os membros que estão inseridos dentro de determinada sociedade. Nesse processo, a produção do mapa mental (representação) do espaço vivido aparece somente como inteligência intuitiva, centrada no indivíduo ou na coletividade, portanto sua natureza é egocêntrica.

Ainda nessa fase, a territorialidade é vista pelo homem como reconhecimento do que seja perto ou longe relacionado à distância e antes e depois relacionado à anterioridade. Por isso, o homem não é capaz de apreender o local de vida como um espaço circunscrito em duas dimensões (bidimensional), área delimitada em comprimento e largura, possuindo apenas o formato (unidimensional) linear.

Figura 3 - Articulação espaço-lugar-comunidade-território.



Para Mesquita (1995, p. 83-89):

[...] território é o que é mais próximo de nós; [...] o critério de proximidade não tem nada a ver com dimensões, mas com a projeção individual e social em que a territorialidade seria a nossa própria identidade do lugar, [...] onde consciência e sociabilidade são próximas ao cotidiano coletivo.

Para Tuan (1976 apud LE BOURLEGAT, 2006), o homem necessita de um espaço mínimo para sua existência, sua sobrevivência no mundo, onde o próprio instinto biológico é responsável pelos caminhos trilhados, como uns mapas mentais, que se manifestam em diferentes graus de acuidade, dependendo da própria espécie.

No espaço de estrutura plana, inicia-se o que os construtivistas chamam de “descentração”, pois o ser coletivo vai ampliar sua visão bidimensional do espaço, surge o espaço absoluto, o homem consegue enxergar algumas diferenças dentro do coletivo, utilizando-se do próprio espaço, bem como de tudo que está ao seu redor.

O novo caminho é articulado em rede (linhas cruzadas), assim, o mundo é interiorizado em duas dimensões (comprimento e largura) (KOELLREUTER, 1987 apud LE BOURLEGAT, 2006). Nesses espaços vividos, amplia-se o diálogo.

A organização do mundo, após a Segunda Revolução Industrial, possibilitou inovações (transporte, comunicação, divisão de trabalho). Assim, o mundo torna-se globalizado, pois integra lugares entre si, mundo conectado o tempo todo, portanto, vão exigir do homem mais conscientização e aperfeiçoamento do sistema mental. As relações, os lugares transformam-se em espaços relacionais. Há um novo espaço-temporal de consciência para o ser humano, tudo devido ao tempo. Logo, essa nova organização de mundo permite ao homem relacionar-se com todo o planeta, de forma dialógica entre os sujeitos. Tudo caminha para trocas de experiência, de vivência e o conhecer implica interagir-se o tempo todo, havendo uma consciência integradora dos seres humanos.

Guajardo (1988, p. 84) enfatizou que:

Um território de identidade e de solidariedade, um cenário de reconhecimento cultural e de intersubjetividade é também um lugar de representações e práticas cotidianas [...] Necessidades de construir toda dinâmica de desenvolvimento a partir de uma identidade cultural fundamentada sobre um território de identificação coletiva e de solidariedade concretas.

Essa maneira de entender o local tem ênfases próprias. Guajardo (1988), por exemplo, acentuou os aspectos dinâmicos, contemplando comportamentos, lideranças, relações formais e informais, mobilização e cultura.

Para Souza (2000, p. 78, 86):

[...] o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações do poder. [...] quais são as características geoecológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. [...] será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade|: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidades’, os *insiders*) e os “ouros” (os de fora, os estranhos, os *outsideres*).

A rede “é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração” (SANTOS, 1996, p.209).

Nessa perspectiva, Dias (1995, p. 147) complementa que a rede apresenta a propriedade de conexidade, isto é, pela conexão de seus nós, ela, simultaneamente, tem a potencialidade de solidarizar ou de excluir, de promover a ordem e a desordem. Além disso, destaca que a rede é uma forma particular de organização, e no âmbito dos processos de integração, de desintegração e de exclusão espacial, “aparece como instrumento que viabiliza [...] duas estratégias: circular e comunicar”.

As redes são animadas por fluxos. São dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas seu princípio dinâmico que é o movimento social. Este é animado, tanto por dinâmicas locais quanto globais, notadamente demandadas pelas grandes organizações. (Santos, 1996).

Para Tinland (2001, p.263), as redes estruturam, a sua maneira, o campo de forças das relações de cooperação e de antagonismo que estão presentes na sociedade humana. As redes “são, de fato, instrumentos de poder e de rivalidades para seu controle. Elas são suscetíveis [...] de funcionar como instrumentos de integração e de exclusão, na linha direta dos processos de diferenciação”.

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território. Há poucas relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmicas, para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes em duas territorialidades distintas, contínua e descontínua.

Territorialidade, para Raffestin (1993, p. 160), tem certo tipo de interação entre homem e espaço. Sempre há a interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço.

No aporte de Mesquita (1995, p. 83-89): “[...] território é o que é próximo, é o mais próximo de nós; é o que nos liga ao mundo”. O critério de proximidade não tem a ver com dimensões, mas com significado individual e social em que a territorialidade seria exatamente a “[...] projeção de nossa identidade sobre o território”. A autora acima citada destaca a “[...] consciência territorial como consciência do lugar, do *locus* da sociabilidade mais próxima vivida no cotidiano”.

No aporte de Santos (1994, p. 16):

O território são formas, mas o território são objetos e ações, sinônimos de espaço humano, espaço habitado. [...] É a partir dessa realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, além da velha categoria região; e isso é um resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território, através daquilo que estou chamando de horizontalidades e verticalidades. As horizontalidades serão os domínios da contigüidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais.

1.5 RELIGIÃO E CAPITAL HUMANO

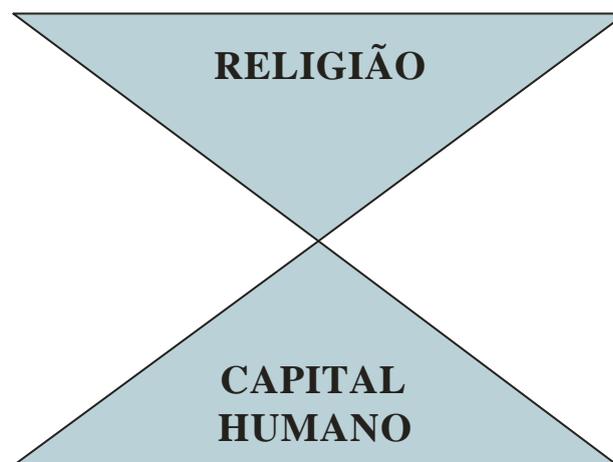
No contexto da pós-modernidade e do pluralismo religioso, o realismo intelectual do tempo pede renúncia ao culto excessivo à razão instrumental bem como estar aberto à razão emocional, comunicativa, estética e simbólica.

Portanto, uma forte ligação entre a religião e o ser humano (ver figura 4). De acordo com Durkheim (1999, p. 504):

Há na religião algo eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente. Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que constituem a sua identidade e personalidade.

Toda a sociedade apresenta traços culturais voltados para o espírito religioso, desenvolvendo suas crenças, ritos, devoções, que estão inter-relacionados.

Figura 4 - Relação religião-capital humano.



Os sistemas dogmáticos fortes parecem construções presunçosas de alguns seres humanos. Hoje, prefere-se uma aproximação mais modesta e completiva da realidade. Por isso, por estar mais abertos ao pluralismo de valores, para um caminho, contextualizado, em que o uso humilde e maleável do pensamento em tudo isso percebe um desejo forte de espiritualidade.

No entanto, com disponibilidade ao diálogo, ressurgem a cada momento fundamentalismos dos quais estão totalmente livres em testemunho de fé.

Atualmente, cada vez mais, pode-se observar, em todas as dimensões da vida, o desejo das pessoas em determinarem o seu próprio caminho. A escolha tem se manifestado como algo mais pessoal e decisivo na afirmação de liberdade.

Conforme Vasconcelos (2003, p. 73):

Do ponto de vista religioso, o ser humano torna-se um ser de opinião, não na grande maioria, pois o chamado à conversão cristã fica na escolha e na decisão pessoal e individual e, não mais na identidade cultural religiosa a tradição e a socialização humana.

No Brasil, existem várias manifestações em que o negro busca relembrar as celebrações feitas pelos seus antepassados, vindas de diversos países do continente Africano, durante o período da escravidão.

O foco deste estudo é a missa na paróquia São João Calábria na cidade de Campo Grande, MS, cuja característica principal é a realização de uma celebração/cerimônia que

mescla o catolicismo com os cultos afro-brasileiros. Nesse contexto, o método indutivo contribuirá melhor para a pesquisa porque oferecerão ao pesquisador a montagem gradual da coleção de casos passados pelo efeito da triagem (HAGUETE, 1987). Para isso, utilizar-se-a história de vida do Padre Dega e a contextualização da sua chegada à comunidade e a origem da “missa aculturada”.

Nesse acontecimento, toma-se como ponto de partida a posição e o ponto de vista do outro que, no caso estudado, o destaque é o Padre Dega, em que suas considerações tornam-se relevantes (DA MATTA, 1981). Crê-se que o padre tem toda uma autoridade de relatar por ser ele mesmo o agente da ação, tornando o fenômeno no seu todo como válido.

Pode-se observar, em todas as dimensões da vida, o desejo das pessoas em determinarem o seu próprio caminho, a escolha tem se manifestado como algo mais pessoal e decisivo na afirmação de liberdade.

A orientação religiosa é marcada pela interioridade de cada pessoa e os sentimentos individuais ganharam uma importância decisiva nesse contexto. A plausibilidade de uma autêntica experiência religiosa não é trazida de fora em normas ou tradições, mas no interior de todas as pessoas, a partir de sua vivência comunitária.

Aqui, vale uma reflexão sobre o desenvolvimento de prosperidade, em uma comunidade católica, que busca desenvolver coletivamente a espiritualidade.

Alves (2002, p. 33) faz uma reflexão sobre a relação do indivíduo, sociedade e o sagrado ao afirmar que: “o sagrado e o profano são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes do homem perante coisas, espaços, tempos e ações”.

A vida religiosa é sempre uma experiência de emoção profunda, a revelação de pensamento íntimo e, até uma confissão pública do segredo do amor. Porém, não está só na voz interior, na consciência religiosa, no sentimento, mas principalmente no testemunho de experiência vivenciada ao sagrado.

Nesse aspecto, é fundamental uma reflexão diante do que foi relatado e a imanência de Deus no mundo criado e sobretudo no ser humano. Portanto, nesse processo, tanto a cultura destinatária, quanto à cultura de grupo de evangelizadores descobrem o sentido sagrado da oração, de caráter individual ou comunitário, além do alcance humano e religioso. Cabe ainda a interação participativa e solidária das pessoas da comunidade, considerando que

a palavra é o caminho privilegiado de libertação à medida que as comunidades criam espaço para um discurso de vivência religiosa, ligada com valores de vida.

Dado fundamental, propõe Aragão (2002, p. 59) sobre a religiosidade e a fé cristã.

[...] Deste diálogo [...] emergem transformações reais da cultura, no sentido de seu crescimento, reorientação, correção de rumos ou eventual rejeição de elementos. Surge em muitos pontos do Brasil está efetivamente manifestando-se uma fé muito próxima à vida ou, mais propriamente uma vida radicada na fé acessível ao povo, sintonizada com seu modo de ser e de expressar-se, mas desponta também umas culturas reformuladas, novas, animadas pelo Evangelho, ativa em relação aos seus anseios.

Hoje, se propõe-se somar vozes a um novo coro de desenvolvimento, por meio de conscientização da importância da dimensão cultural no seio da comunidade da época atual, pois o desenvolvimento possui uma dimensão cultural essencial vinculada ao modo de vida e às crenças da população afetada pelos projetos de desenvolvimento.

No entanto, o capital social advém da preservação de seus valores morais, espirituais e sociais nos quais se baseiam suas identidades e estilos de vida. Cabe acrescentar que, de uns tempos para cá, o capital social comunitário, tornou-se indispensável às exigências do interesse coletivo, que consiste esse fator em sua essência, na qualidade vivida das instituições de umas comunidades participativas e solidárias, cujos, membros cooperam sem demasiada segunda intenção, baseada na confiança que uns têm pelos outros.

Entretanto, para demonstrar a importância das redes sociais informais na construção de relações e de forma de sociabilidade, nas quais interesses pessoais e coletivos resultam em benefícios diretos e indiretos na compreensão das ações sociais.

Hermet (2002, p. 96) menciona os dados que comprovam a idéia de que: ‘O capital social é um bom exemplo, quando se reduz a um mero slogan, quando, com igual entusiasmo, se fala, por exemplo, de capital humano ou de patrimônio social’.

Vale ressaltar os aspectos relevantes na transformação, no decorrer dos tempos; da capacidade humana de conectar e transmitir mensagens que facilitem ações dos indivíduos presentes na sociedade.

Sem dúvida, o mundo atual respira a cultura capitalista. Então, cabe à comunidade cristã continuar sua missão no espaço e no tempo, ensinando o primado do homem na criação à sabedoria de Deus sobre tudo e sobre todos.

No aporte de Javier (1985, p. 11), “o capital humano deve contemplar a ética em seu sentido mais amplo, que ser considerada como a sensibilização da consciência humana e esses valores podem ser representados por normas”.

A ética busca viver valores baseados em uma interpretação da história, que se fundamenta em uma interpretação (no caso da religião) da fé cristã que tem característica própria em cada época e em cada cultura.

A interpretação vem sendo cada vez mais reconhecida como um processo que se baseia na comunidade. Em vista disso, intérpretes trabalham hoje junto à comunidade local em desenvolvimento, então é evidente que quem tem mais conhecimento profundo sobre os aspectos gerais e específicos dessa comunidade podem interagir com ela, objetivando uma construção voltada para o desenvolvimento. No aspecto geral, as ações aplicadas são voltadas para o coletivo e no aspecto específico avaliar e refletir suas relações junto à comunidade.

Goodey (1999, p. 48) interpreta o lar com a seguinte afirmação.

Na verdade, cada pessoa nasce em algum lugar, possui um ou vários lugares e ao qual se refere como lar, em lugar onde trabalha, e talvez lugar aonde vá descansar ou se divertir. Qualquer desses locais pode ser comunidade com a qual a pessoa se relaciona.

Entretanto, diante dessa afirmação, vale refletir sobre comunidades católicas como alternativas de desenvolvimento local que busca em sua essência desenvolver relacionamentos comuns. Sob essa ótica, as pessoas possuem convivência de dignidade e de valorização do ser humano, propiciando vínculos solidários centrados em consonância com a qualidade de vida, baseada na fé, no amor, na solidariedade, na ajuda mútua e no bem estar.

Nessa perspectiva, as comunidades preocupadas com os valores e com as opiniões coletivas compartilhadas sobre como poderá vir a ser no futuro, além do tempo, mudanças que impliquem desenvolvimento significativo das pessoas que reverenciam o sagrado em sua vida.

No tocante à religião, pode-se ressaltar que a idéia de que uma análise de ordem social intangível, com base num raciocínio que busque compreender as potencialidades, gere alternativas com perspectivas de desenvolvimento local.

Tendo em vista o relacionamento humano como força de desenvolvimento e com ênfase à criatividade das ações que mobilizam a sociedade para as transformações sociais, esclarece que, o capital intangível, enquanto fonte geradora de desenvolvimento, não significa concretização de mudança da realidade, consolida quando ocorre articulação na consciência coletiva do capital intangível com outras dimensões sociais.

Segundo a análise de Claxton (1994), o que realmente importa é a integração dos novos costumes, em face de idéia de progresso e crença na capacidade humana de dominar e melhorar as condições de existência, fortalecendo o desenvolvimento do capital humano em uma comunidade.

Vale ressaltar que a dinâmica social constitui-se força interna, em consonância com força externa de estratégias de desenvolvimento, proporcionando bem-estar coletivo repleto de vínculos solidários, responsáveis na vida de uma comunidade. No entanto, o comportamento religioso atribui coerência ao ser humano na construção das relações sociais cooperativas e unificadas, e tendo o sagrado imperando como alimento e fonte de existência.

È oportuno lembrar que a alegria da fé, a fé nos compromissos dos sacramentos, a fé no mistério da união de Cristo com a humanidade, mistério que faz ecoar vidas faz refletir sobre a vivência e o amor recíproco como forma de evangelização, de testemunho e de espiritualidade.

Thuan (2002, p. 147) reafirma que onde o amor é recíproco, lá se vê Cristo.

Nesse contexto considera-se que para serem testemunhas que o mundo espera não se faz necessário afastar de vossas tarefas familiares e profissionais; não se trata de partir para uma longínqua cruzada. É do amor, e do lar que o mundo ateu, sem o suspeitar, espera um testemunho essencial.

Dürkheim (1999, p. 504) diz que a religiosidade é pois a relação com o divino, é o modo como a pessoa se conecta com o que acredita; por isso, ela serve como intermediária entre a razão e as angústias mais profundas das pessoas.

Há na religião algo eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares no qual o pensamento religioso se envolveu sucessivamente. Não pode haver sociedade que não

sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que constituem a sua identidade e personalidade.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, mas apresenta quebras e rupturas, estabelecendo às vezes oposição entre o sagrado e o mundo que o cerca. O tempo também separa e re-atualiza ritualmente as festas, em que o inconsciente coletivo cria uma aura religiosa nas comemorações sagradas católicas.

Dentre os conceitos voltados para a mística, destaca-se aquele que enfatiza a devoção contemplativa e piedosa de uma pessoa que envolve certo grau de atitude espiritual íntima, às vezes, intuitiva da pessoa.

Segundo Azevedo (2002, p.259), “só se pode conhecer as experiências místicas”, por meio dos relatos que os místicos fazem de sua vivência.

Dessa forma, percebe-se que as experiências, relatos e escritos de místicos católicos revelam a presença autêntica e real de intuições, imagens, representações e manifestações demonstradas pelas pessoas no contexto cultural, recebendo influências do inconsciente pessoal e coletivo.

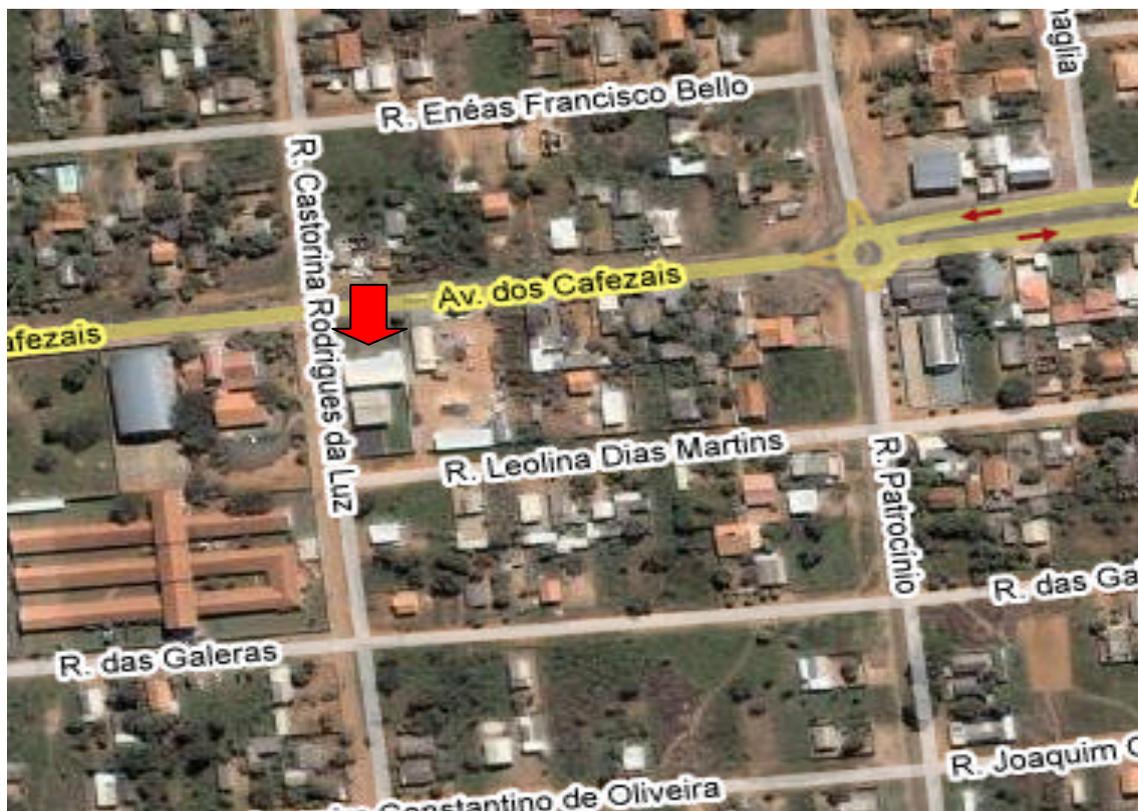
2 PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA

A Paróquia São João Calábria está localizada na região Sul, a 16 km do centro comercial no município de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, situada na Rua Olivério Rodrigues da Luz, nº 247, Bairro Macaúbas.

Seus limites geográficos estão assim estabelecidos: do lado poente, partindo da BR 163 com o córrego Lajeado, segue por este e desce até a confluência com o córrego Bálamo.

O trajeto de acesso à comunidade se faz pela BR 153, indo ao encontro da parte rural, fechando assim o perímetro da Paróquia.

Figura 5 - Mapa do Bairro Macaúbas - Campo Grande.



Fonte: Imagem obtida no GoogleEarth (<http://maps.google.com>). Acesso em: 10 mar. 2007.

Figura 6 - Localização da Paróquia São João Calábria.



Fonte: Imagem obtida no GoogleEarth (<http://maps.google.com>). Acesso em: 10 mar. 2007.

Na concepção de Baptista (1979, p. 44-45), “[...] comunidade é uma unidade social dinâmica, em que se destacam os fatores de relacionamento, de delimitação geográfica e de função, este último, refere-se ao papel desempenhado pela unidade social, face às unidades circundantes”. Nesse contexto, a comunidade pesquisada está inserida geograficamente no Bairro Macaúbas, na capital do Estado, relacionando-se com a comunidade do entorno e com outras comunidades periféricas.

Segundo Tönnies (1947), “[...] a comunidade é estabelecida por meio das relações de amizade, vizinhança e laços efetivos entre os membros, como os de uma família”. Assim, apresenta uma organicidade vinculada por sucessivas interações entre seus membros. Dessas interações, despontam valores sociais que orientam a ação social para a coletividade, cujos estatutos são guiados por crenças, hábitos e costumes. Por outro lado, verifica-se que as ações comunitárias da Paróquia São João Calábria contempla os aspectos citados por Tönnies.

De acordo com Dias (1994 p. 121-126), “[...] a territorialidade envolve a posse e o controle exclusivo do espaço por um indivíduo ou grupo de indivíduos”. Já o lugar é onde acontecem os fenômenos naturais e humanos, portanto, indispensável à própria vida.

“A religião será neste estudo examinada no contexto geográfico à apropriação de determinados segmentos de espaço. Os espaços apropriados efetiva ou afetivamente são

denominados territórios” (ROSENDHAL, 2002, p. 59). Já a territorialidade, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupo, para controlar um dado território. Nessa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, que é ampliado muitas vezes o controle sobre espaço, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando seus territórios.

As relações em comunidade podem ser mais bem compreendidas quando refletidas em uma comunidade de existência completa. Desse modo, pode-se conhecer o seu modo de ser no cotidiano de sua existência, ou seja, entendê-la como territorialidade. A territorialidade é vista aqui, como manifestação do modo de ser de uma comunidade em seu território existencial, compreendido como a própria organicidade estabelecida pela relação entre os atores da comunidade, sua forma de perceber e conceber a realidade apropriada e vivida, como também sua forma de agir, como estrutura e como dinâmica. A territorialidade expressa, um mundo multidimensional, concretamente determinada de uma comunidade ou sociedade.

O território emerge como unidade social estabelecida por uma rede de relações entre diferentes atores que tenham um projeto comum de vida (RAFFESTIN, 1993) e, apresentam o mesmo interesse, aspirações e desejos. A vida de relações estabelecidas no mesmo suporte físico de referência, ou seja, num mesmo lugar, cria ali o seu campo de forças (SOUZA, 1995).

A existência concreta da Paróquia São João Calábria apresenta-se como território vivo da comunidade, objeto deste estudo, sendo ainda seu suporte físico de referência e o seu campo de forças. Os limites desse território são dados pelos pontos de atuação de cada ator inserido no tecido da rede de relações ali estabelecidas (RAFFESTIN, 1993). O que interessa analisar é a territorialidade, ou seja, o modo de ser, de se manifestar dessa comunidade ali inserida. Santos (1994) alerta que o interesse da ciência social não é pela compreensão do território em si, mas pela forma que se dá o seu uso.

Identifica-se que a paróquia está diretamente ligada ao serviço de evangelização (ação pastoral), sendo constituída pelas comunidades eclesiais de base (CEBs), que estão situadas na base da organização da paróquia e tem na família a célula básica de organização da Igreja católica.

Sob o olhar da sociedade brasileira foi-se cristalizando no interior das igrejas um processo evangelizador que gerou as CEBs, que começam a formar uma consciência genuinamente de cidadania eclesial, desabrochando num sentimento de pertença comunitária voltada para uma prática de compromisso, “envolvendo a missão de evangelizar no contexto de uma sociedade cheia de situações sociais produtoras de enormes injustiças” (CARIAS, 2004, p. 803).

No aporte de Boff (1977, p.12) “as CEBs no Brasil iniciaram de forma rudimentar a partir de 1950. Esta fase foi marcada por experiências da catequese popular, escolas radiofônicas, grupos que se formaram na Ação Católica e a participação da juventude - JOC - JEC - JUC”, que são movimentos de catequese popular que encontraram elementos identificatórios de estímulos em parte geradores das CEBs e a elas incorporados. Assim, a catequese popular, onde o padre era o referencial decisivo para fazer do leigo o elemento central da co-responsabilidade e criatividade, “gradativamente vai transformando os leigos responsáveis pelas iniciativas no esforço da evangelização, da vida e continuidade da Igreja povo, mas depois sem a presença do padre, época em que as CEBs iniciam sua caminhada laicamente” (AZEVEDO, 1986, p. 44).

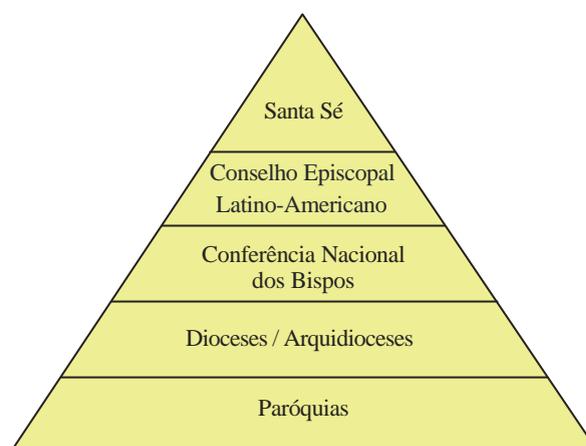
Dessa forma, a comunidade religiosa é sinônima de comunidade eclesial de base, constituída pela articulação das famílias (BETTO, 1981). Vale ressaltar que a CEB não se constitui em desmembramento das paróquias, mas sim na organização na forma de agir e que se empenha em redes articuladas. Essa ação da igreja é chamada de pastoral (GIL FILHO, 2006).

A pastoral se dá por iniciativa de religiosos (padres, irmãs) e leigos chamados de agentes pastorais. Esses constituem a vocação religiosa o carisma da igreja. O agente pastoral precisa viver vinculado com a comunidade com a qual trabalha. A finalidade é apoiar a comunidade para a transformação social, de modo que pela união e solidariedade seus integrantes passam a ser protagonistas de seu destino. Esse trabalho de conscientização dos membros de uma paróquia para agir em comunidade é feito por meio de vivência em comunidade. O método de ação da comunidade e o de ver - julgar - agir. Trata-se de uma forma de ação que inclui o diálogo com a sociedade.

Trabalha assim com a territorialidade da Igreja e com a territorialidade das redes constituídas pela comunidade eclesial de base (ROSENDHAL, 2001). A paróquia na

territorialidade hierárquica da macroestrutura administrativa da Igreja Católica Apostólica Romana, de acordo com o Direito Canônico, estrutura-se da seguinte forma:

Figura 7 - Instâncias de poder da territorialidade católica.



Fonte: GIL FILHO (2001) adaptação baseada no CODEX IURIS Canonici (1983).

A territorialidade, ao ser vista como fruto da apropriação coletiva, no modo como o termo “apropriação” é concebido por Serfaty-Garzin (2003), expressa a forma de uso das capacidades e competências humanas historicamente construídas dos atores locais para adaptar no lugar de vida os recursos disponíveis (materiais e imateriais) a fins previamente definidos.

Desse modo, a participação aparece neste estudo como uma forma de agir e de ser dos seus atores, visando a um projeto comum de vida, na interação com a comunidade.

Para Le Bourlegat (2000, p. 18), “[...] os lugares cediam os acontecimentos coletivos e individuais. É onde a vida se desenvolve, permitindo o estabelecimento de diferentes redes e circuitos que possibilitam a interação com as diferentes realidades e mundos”.

Partindo da premissa de que a existência humana se dá no cotidiano, Martins (2002, p. 54) afirma: “[...] a força do lugar (ordem local) reside no território compartilhado e identificado por uma consciência social e comunitária de entorno, cuja essência é a própria história vivida em comum”.

Le Bourlegat (2000, p. 18) destacou que: “[...] o conteúdo do lugar oferece condições para o acontecer”. “[...] que nesse atual mundo globalizado, em que as relações entre o lugar e

o mundo, mediadas pelos territórios político-institucionais, tornam-se cada vez mais relevantes, a ordem local transforma-se em força interna de desenvolvimento”.

2.1 HISTÓRICO DA COMUNIDADE SÃO JOÃO CALÁBRIA

Para a compreensão do estudo em tela é necessário identificar o histórico da paróquia e a figura de São João Calábria, o fundador da Congregação Pobre Servos da Divina Providência.

A Comunidade São João Calábria foi fundada em 20 de agosto de 1994 (anexo A).

Figura 8 - Vista da Igreja São João Calábria - vista frontal.



Foto: Leila Sant' Aana P. Mazzini, março, 2005.

Data de Fundação: 20/8/1994

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Localização: Rua Olivério Rodrigues da Luz, nº 247, Bairro Macaúbas.

O edifício é térreo, de alvenaria e com estrutura pré-moldada, cobertura de telhas fibro-cimento, hall coberto com fechamento em grade metálica, fachada com imagem do padroeiro.

Pierson (1968, p. 322) ressalta o relacionamento espontâneo como característica marcante de uma comunidade:

Por séculos e séculos a espiritualidade não considerava as realidades do mundo. A igreja se organizava como um agrupamento de indivíduos isolados e a vida cristã era assunto pessoal, privado, não compartilhado nem mesmo entre marido e mulher. Refiro-me a necessidade de pesquisas que trazem reflexões como fator predominante para o resgate da dignidade humana, onde o comportamento religioso atribui coerência ao ser humano na construção das relações sociais cooperativas e unificadas, aparecendo como elemento de coesão que fortalece coletividades.

No atual mundo globalizado, mesmo diante da predominância da ciência e da razão, os impulsos religiosos e a crença mística acontecem de forma constante, com forte tendência de ampliação, principalmente nos últimos anos. A religião parece atenuar o terror diante da finitude da vida, impondo obediência a valores morais vitais, como forma de manutenção da sobrevivência humana (CASTILHO et al., 2004). As pesquisas sobre crença e religiosidade crescem, levando à idéia de que o sagrado existe por si só e as religiões são respostas a essa existência.

O pensamento religioso atribui coerência e significado ao mundo e àqueles que o integram. Favorece, não só um sentimento de interação, como uma visão estruturante da vida, dando origem à territorialidade e emergindo dentro dela. Se o fenômeno religioso é estruturante de territórios, as religiões e a religiosidade também são estruturadas no contexto das territorialidades (ROSENDHAL, 2001).

A comunidade São João Calábria propõe aos seus membros uma "vida em coletividade" e meios concretos para ajudá-los a progredir no amor de Deus e ao próximo, especialmente em momentos de ameaças à integridade do ser, contribuindo para a manutenção da vida.

No dia 28 de agosto de 1994, durante a celebração da Eucaristia, presidida por Dom Vitório Pavanello, Arcebispo de Campo Grande, e concelebrada pelos presbíteros presentes, contando com a presença e participação de religiosos, religiosas, seminaristas, vocacionados e leigos da comunidade local e de outras comunidades paroquiais, houve a solenidade de criação e ereção canônica da nova paróquia dedicada à Nossa Senhora Rainha da Paz. Após a saudação inicial de dom Vitório, com a leitura do Decreto de criação e ereção, toda a assembléia, jubilosamente, acolheu a nova paróquia (Arquivo Diocesano, 1999, ver anexo A).

Figura 9 - Pároco Padre Josuel Boaventura.



Foto: Eleida da Silva Arce, março, 2007.

A paróquia São João Calábria ficou totalmente desmembrada da paróquia Nossa Senhora Aparecida, das Moreninhas, abrangendo os seguintes bairros e áreas territoriais: Campo Real, Campo Nobre, Jardim das Macabúbas, Marojoara, Centro Oeste, Sumatra, Morada do Sol, Los Angeles, Uirapuru, Chácaras e fazendas (Arquivo Diocesano, 1999 - ver Anexo B)¹.

Cumpridas as formalidades, de acordo com o Direito Canônico que compete à autoridade diocesana, desmembrar a paróquia Nossa Senhora Aparecida das Moreninhas, criando e declarando ereta a nova paróquia sob o título de Nossa Senhora Rainha da Paz, com sede á rua Afonso Celso, s/n Jardim Los Angeles - Campo Grande, MS.

Cabe ressaltar que o trabalho pastoral desenvolvido até o presente momento, pelos padres da Congregação dos Jose Eleitos de Cristo que, em apenas seis anos foram capazes de implantar de forma consistente as ações da paróquia das Moreninhas.

¹ Seus limites geográficos ficam assim estabelecidos: do lado do poente, partido da BR 163 com o córrego Lajeado, segue por este e desce até a confluência com o Córrego Bálsamo; segue por este até ao encontro da Rua Marco Feliz, nos limites como a paróquia Nossa Senhora da Guia. Segue por esta, em linha reta, até ao encontro, na parte rural, com os limites da paróquia de Santa Catarina Virgem e Mártir, no Ribeirão Cachoeira. Sobe por este, do lado do nascente, até ao encontro com a BR 153. E por esta, até ao ponto inicial, fechando assim o perímetro da nova paróquia (Arquivo Diocesano - Decreto de desmembramento da Paróquia São João Calábria - ver Anexo B).

A congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, após ter assumido e pastoreado essa comunidade paroquial, recebeu o apoio pastoral dos fiéis no tocante à evangelização, tornando essa paróquia uma comunidade viva para a evangelização.

Há expectativa de que essa comunidade continue crescendo como modelo de comunidade eclesial, por meio da Palavra de Deus, santificada pela oração litúrgica dos Sacramentos e devoções populares, comprometida pela causa missionária da Igreja Universal (LIVRO DO TOMBO - Paróquia São João Calábria, 2002).

2.2 DADOS BIOGRÁFICOS DE JOÃO DA CALÁBRIA

Figura 10 - Imagem de São João Calábria.

João Calábria nasceu em Verona, Itália, no dia 8 de outubro de 1873. Órfão de pai, viveu a infância e a adolescência na extrema pobreza. Foi obrigado a interromper duas vezes os estudos para conseguir o sustento de sua família. A graça de Deus, as humilhações e muitas outras dificuldades contribuíram para criar nele um espírito de fé e de abandono à divina Providência (CASTILHO, 2006, p. 14).



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 114.

O amor e a fé de sua mãe contribuíram para seu crescimento sereno e altruísta, nas imensas dificuldades iniciais. Ajudado e preparado por um amigo sacerdote, foi admitido, como aluno externo, no seminário de Verona. Logo, porém, foi chamado para o serviço militar, em que, por dois anos, exerceu um intenso apostolado de caridade, se distinguindo, sobretudo, no cuidado com os doentes e na atitude heróica de se oferecer espontaneamente para assistir os soldados acometidos de tifo. Seu diretor espiritual, Padre Natal de Jesus, um carmelita descalço, cedo vislumbrou no jovem seminarista um escolhido do Senhor com especial predileção, para fundar uma congregação de sacerdotes e irmãos de espírito apostólico. Retomando os estudos, chegou à ordenação sacerdotal em 1901. Apesar das responsabilidades e encargos perante à diocese de Verona, sempre teve tempo para cuidar de crianças desamparadas, suas prediletas. Em 26 de novembro de 1907, em uma humilde casa

emprestada, nascia a Casa Buoni Fanciulli (Bons Meninos), semente de toda a Obra de Padre Calábria. O zelo do seu coração e o apelo da situação multiplicou o trabalho.

A divina Providência, em quem depositava a mais absoluta confiança, deu-lhe naquele momento dois dons: o Conde Francisco Perez, um ilustre e rico advogado, que passou a ser um humilde e eficiente irmão religioso, e uma nova e ampla casa na Via S. Zeno in Monte, 23, Verona, para onde as crianças assistidas se transferiram em 06 de novembro de 1908. Essa casa continua sendo a casa Mãe da Congregação. Com as crianças acolhidas, aumentou também o Fanciulli e foi nominada como Congregação Pobre Servos da Divina Providência (ARQUIVO DA PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA).

Padre Calábria sempre desejou que a Obra formada por sacerdotes, irmãos e irmãs fosse uma única árvore com vários ramos, uma única família com o mesmo carisma: viver o espírito de fé e confiança² em Deus Pai, plenamente abandonado à divina Providência, sem nada pedir, não se apoiando em proteções humanas, vivendo em plenitude os ensinamentos do evangelho. Seu apostolado foi para crianças, idosos, doentes, jovens vocacionados e pobres sacerdotes em dificuldades pessoais, presidiários, irmãos separados na fé e uma multidão de almas à procura de luz, de conforto e de aconselhamento, que ele acolhia e com quem mantiveram uma vastíssima correspondência, mesmo nos seus contínuos momentos de sofrimentos e doença. Almejava uma renovação e atualização da Igreja. Seus escritos e publicações tiveram influência na convocação do Concílio Vaticano II, pelo Papa João XXIII. Anteviu que tinha chegado o tempo dos leigos na Igreja e cooperou com palavras e escritos, para formá-los como Cristãos integralmente evangélicos, e fundou a “Família dos Irmãos Externos” (leigos que em sua família e trabalho procuram viver o espírito da Congregação) (ARQUIVO DA PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA).

A alma de sua verdadeira grandeza espiritual foi o quotidiano empenho em conhecer sempre mais a vontade de Deus. Acreditou no Evangelho de modo radical, moldando nele toda a sua vida. Terminou seus dias terrenos em Verona, no dia 4 de dezembro de 1954. Em 17 de abril de 1988, foi beatificado em sua cidade natal pelo Papa João Paulo II. Em 18 de abril de 1999, foi canonizado, passando a ser São João Calábria para a Igreja. As Congregações dos Pobres Servos da Divina Providência e das Pobres Servas da Divina Providência - acrescida de um ramo nascido na América Latina às Irmãs Missionárias dos Pobres, expandiram-se, dando continuidade à obra de São João Calábria, além da Itália, no

² Esse aspecto tem característica e princípio do Desenvolvimento Local.

Uruguai, Brasil, Argentina, Paraguai, Chile, Colômbia, Angola, Filipinas, Índia, Rússia, Romênia e Kênia (Idem).

O documento de canonização de João Calábria destaca:

Fazemos saber que, tendo sido canonizado por sua santidade o Papa João Paulo II o Fundador da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, sob cuja direção se encontra a Paróquia Rainha da Paz, com sede à Rua Afonso Celso, s/n - Bairro Jardim Los Angeles, nesta cidade de Campo Grande, depois de obter o parecer favorável do Conselho Diocesano de Presbíteros, haviam por bem mudar o orago desta paróquia para São João Calábria, Transferindo a sua sede para a Rua Olivério Rodrigues da Luz, nº 247 - Jardim das Macaúbas (ARQUIVO DIOCESANO, 1999).

Em 18 de abril de 1999, na Missa Solene das 09h, a Paróquia que trazia o nome de Nossa Senhora Rainha da Paz, mediante autorização de Dom Vitório Pavanello, passou a ser chamada Paróquia São João Calábria - Fundador da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência (DECRETO DE DESMEMBRAMENTO - Anexo B)³.

No mês de março de 2001, o Pe. Gionni Menegazzi, Pobre Servo da Divina Providência, durante a Missa presidida pelo Arcebispo Dom Vitório Pavanello, recebeu solenemente a posse como vigário da Paróquia São João Calábria, na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz.

Dia 29 de julho de 2001, às 17h, aconteceu a inauguração da Capela São Felipe Apóstolo no Bairro Jardim Canguru - Rua Ibirá, Q. 06-Lotes 26.

Aos 10 de agosto, sábado, dia de São Lourenço, Dom Vitório Pavanello inaugurou a Capela dedicada a São Lourenço Diácono e Mártir; a comunidade deu impulso e arregaçou as mangas para que aí houvesse uma capela. A capela foi construída em tempo Record - 3 meses e 5 dias.

No dia 20 de novembro de 2005, depois de terminada a construção, foi inaugurada a Capela de São Marcos no Jardim Paulo Coelho Machado. Foram oito meses de construção⁴.

³ Nesta mesma data, em comunhão com toda a Igreja e em especial, com os fiéis reunidos em Roma, celebraram em ação de graças, à canonização do Bem-aventurado João Calábria.

⁴ Os dados referenciados item 2.2 encontram-se no arquivo da Paróquia São João Calábria.

2.3 COMUNIDADES PERTENCENTES À PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA

Todas as comunidades e seus respectivos santos (as) padroeiros (as) foram localizados e identificados nesta pesquisa por se tratar de uma construção de fortes características de templos, pois nem todas as comunidades têm capela, por isso, inseriram-se apenas as imagens dos santos.

O estudo contemplou: uma paróquia e oito comunidades (capelas existentes sob a administração da paróquia), destacando as devoções populares e demais ações existentes na territorialidade da Paróquia São João Calábria.

2.3.1 Comunidade São Thiago e São Felipe

Figura 11 - Comunidade São Thiago e São Felipe - Vista parcial.



Data de fundação: 29/07/2001

Localização: Rua Ibirá, s/n, Quadra 6, Lote 26,
Bairro Jardim Canguru

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 12 - Imagem de São de Thiago e São Felipe.



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 116.

Felipe Apóstolo esteve com Jesus no milagre da multiplicação dos pães e também na última ceia. O resto da vida está encoberta na obscuridade, como também a sua morte. A tradição mais comum afirma que ele morreu crucificado em Gerápolis, no tempo do Imperador Domiciano. Suas relíquias teriam sido transportadas para Roma e colocadas junto com as de São Tiago na Igreja dos Santos Apóstolos. Esse seria o motivo pelo qual a igreja latina festeja os dois apóstolos no mesmo dia. Tiago, o menor, irmão de João, foi bispo de Jerusalém, após o martírio de Tiago, o maior, no ano de 42, quando Pedro de Jerusalém se afastou. A imagem de Tiago é austera. Como bispo escreveu a Carta para as comunidades cristãs afirmando: “ricos, chorai por causa das desgraças que estão para vos sobrevir. O salário do qual privaste os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama [...]”. Tiago teria sido condenado ao apedrejamento no ano de 61. O dia de São de Thiago e São Felipe é comemorado no dia 3 de maio.

2.3.2 Comunidade São Lourenço

Figura 13 - Comunidade São Lourenço vista parcial.



Data de fundação: 10/08/2002

Localização: Rua Luiz Gustavo Ramos Arruda,
Quadra 9, Lote 21, Bairro Vespasiano Martins

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 14 - Imagem de São Lourenço.

São Lourenço foi uma das vítimas da perseguição do imperador Valeriano em 258, como o Papa Xisto II, de quem era arqui-diácono, e de muitos outros membros do clero. Valeriano lançou um edito condenando sumariamente à morte todos os bispos, padres e diáconos. Essa ordem imperial foi imediatamente cumprida em Roma. No dia 6 de agosto do mesmo ano, o Papa Xisto II foi levado às catacumbas e executado. Quatro dias depois, Lourenço, o último de sete



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 116.

diáconos, foi martirizado. Ele foi sepultado na Via Tiburtina, em um lugar chamado Agro Verano.

São Lourenço, o Mártir, foi colocado sobre um braseiro ardente, quando olhou para o carrasco, disse: “vira-me, que já estou bem assado deste lado”. Desde o século IV, São Lourenço tem sido um dos mais honrados mártires da Igreja. O imperador Constantino foi o primeiro a construir um oratório sobre seu túmulo, que foi ampliado e beatificado pelo Papa Pelágio II. O Papa Xisto III construiu a basílica, que veio a ser uma das cinco igrejas patriarcais de Roma, junto com as igrejas de São João de Latrão, São Pedro, Santa Maria Maior e São Paulo. São Lourenço é padroeiro dos diáconos. O dia de São Lourenço é comemorado no dia 10 de agosto.

2.3.3 Comunidade São José Operário

Figura 15 - Comunidade São José Operário - vista frontal.



Data de fundação: 1/5/2000

Localização: Rua Barão de Tefé, Quadra 17, Lote 26, Jardim Centro-Oeste

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 16 - Imagem de São José Operário.

São José é um dos santos mais conhecidos no Cristianismo, tanto que inspirou o nome a dezenas de santos da Igreja e também a outros cristãos. Último dos patriarcas, pai “adotivo” de Jesus Cristo, marido de Maria. José foi carpinteiro e viveu em Nazaré. A grande devoção dos cristãos para com São José, que o elevou a modelo de pai, operário, protetor da Sagrada Família e da grande Família de Deus que é a Igreja, está fundamentada nas Sagradas Escrituras e na tradição. Embora a Bíblia destaque seu papel indispensável como homem justo, trabalhador, silencioso e com fé suficiente para ser



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 117.

digno de ser o elo entre o Antigo e o Novo Testamento e conferir a Jesus a linhagem de Davi, como já estava profetizado quanto ao Messias. A mais antiga igreja erigida em sua honra foi a basílica em Nazaré, obra dos Cruzados; no decorrer do século XII outras igrejas surgiram na Itália, na Inglaterra e na França. O dia de São José Operário é comemorado em 01 de maio.

2.3.4 Comunidade São Vicente de Paulo⁵

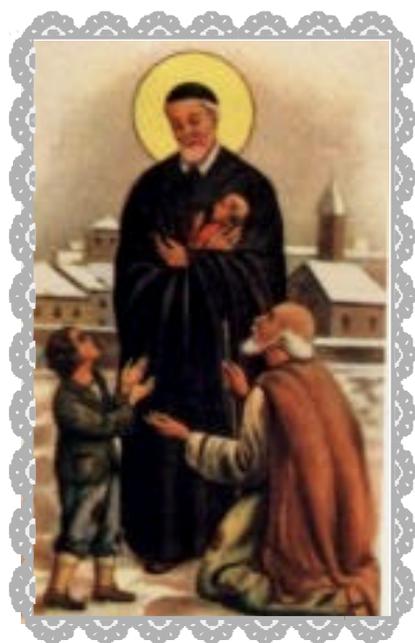
Figura 17 - Comunidade São Vicente de Paulo - vista frontal



Localização: Rua Cláudio Coutinho, s/n., Jardim Campo Nobre
Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 18 - Imagem São Vicente de Paulo.

Nasceu na cidade de Pouy, na França, aos 24 de abril de 1581. Filho de pobres camponeses, manifestou desejo e gosto pelo estudo. Entrou para o seminário e foi ordenado padre ainda bem novo, com apenas 19 anos de idade. O início de sua vida sacerdotal foi marcado por muitas dificuldades e desacertos. Inicialmente, estava muito preocupado em ajudar sua família e em conseguir certa estabilidade financeira. Diante de uma série de fracassos, foi amadurecendo e, sobretudo a partir de 1613, se lançou inteiramente ao serviço dos pobres. Em contato com os camponeses, percebeu que os pobres tinham necessidades urgentes e que para ser fiel a Cristo era preciso servi-los. Começou, então, a pregar missões entre os pobres e a organizar diversas ações de caridade. Fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade e passou a se dedicar inteiramente à evangelização e ao



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 117.

⁵ Nos arquivos da Paróquia São João Calábria não se encontrou registro da fundação dessa comunidade.

serviço dos pobres. Desenvolveu uma intensa ação caritativa e missionária,, sempre contando com os padres e irmãos de sua Congregação, com as irmãs de Caridade e com muitos leigos e leigas generosos. Entendia que o pobre é a imagem de Cristo desfigurado a quem devemos servir. E a Igreja deve estar a seu serviço. Por isso, atuou na reforma da Igreja, sobretudo colaborando na reforma do clero. O dia de São Vicente de Paulo é comemorado em 27 de setembro.

2.3.5 Comunidade São Lucas⁶

Figura 19 - Comunidade São Lucas - vista frontal.



Localização: Rua Almirante Cochane, s/n., Jardim Uirapuru

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 20 - Imagem de São Lucas.

Evangelista e patrono dos pintores e médicos, ele é o autor do terceiro livro dos evangelhos que tem o seu nome e dos Atos dos Apóstolos. O seu evangelho foi escrito para os gentios. Ele enfatiza a misericórdia e o amor de Deus para com a humanidade. Ele é o único que descreve a parábola da ovelha desgarrada, do Bom Samaritano, do filho pródigo, de Davi e Lázaro. De acordo com a Igreja Católica Ortodoxa Grega, São Lucas sempre andava com uma pintura de Nossa Senhora com ele, e ela foi o instrumento de várias conversões. Foi um grande artista e escritor, e suas narrativas inspiraram grandes escritores e grandes mestres da arte, mas as pinturas existentes da Virgem são trabalhos de datas bem mais



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 118.

⁶ Nos arquivos da Paróquia São João Calábria não se encontrou registro da fundação dessa comunidade.

recentes. Alguns biógrafos julgam que a pintura de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro teria sido pintada por ele. Na arte litúrgica da igreja, ele é mostrado com um machado e, às vezes, pintando o retrato da Virgem Maria. O dia de São Lucas é comemorado em 18 de outubro.

2.3.6 Comunidade Nossa Senhora Rainha da Paz

Figura 21 - Comunidade Nossa Senhora Rainha da Paz - vista parcial.



Data de fundação: 26/12/1999

Localização: Rua Afonso Celso, n. 634, Jardim Los Angeles.

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 22 - Imagem de Nossa Senhora Rainha da Paz.

A devoção a Nossa Senhora da Paz nasceu na cidade de Toledo, Espanha, no século XI. Durante a invasão dos Mouros à Espanha, eles tomaram na cidade um templo dedicado a Nossa Senhora, transformando-o em Mesquita. Quando os espanhóis retornaram a Toledo, o rei da Espanha fez um acordo pelo qual garantiu que a mesquita continuaria a existir como templo muçulmano. A população, na sua maioria cristã, liderada pela rainha e pelo arcebispo, saiu à rua vestida de luto para protestar contra a decisão do rei. O rei Afonso VI não puniu os responsáveis, porque a população rezou em louvor à Virgem Santíssima e, numa procissão triunfante, a Virgem voltou para o seu templo e instaurou a paz na cidade. A partir de então, ela foi venerada como Nossa Senhora da Paz. Existe outra versão para a devoção à Nossa Senhora da Paz, padroeira de El Salvador, quando



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 118.

a Santa salvou a cidade das lavas de um vulcão. A Nossa Senhora da Paz de Toledo segura na mão esquerda um ramo de oliveira e a de El Salvador uma palma de ouro. A data de comemoração a Nossa Senhora Rainha da Paz é 9 de julho.

2.3.7 Comunidade São Matheus⁷

Figura 23 - Comunidade São Matheus - vista frontal e altar no interior.



Localização: Chácara das Mansões

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 24 - Imagem de São Matheus.

São Matheus foi um apóstolo chamado Levi ou Matheus de Levite. Ele nasceu na Galiléia e trabalhou como coletor de impostos em Capharnaum quando Cristo o chamou para segui-lo. É autor do primeiro evangelho escrito entre os anos 60 e 90, em Hebraico ou em Aramaico na sua forma original. Alguns escolares acham que São Matheus estava na Antióquia, Síria quando escreveu o Evangelho. Ele pregava em Jerusalém e depois foi para a Etiópia. São Matheus no seu Evangelho provê um retrato extremamente bem feito de Cristo, inclusive sua genealogia, ministério, paixão e ressurreição. Todo o seu evangelho é destinado a provar o verdadeiro reconhecimento de que Cristo era o Messias. São Matheus é representado na arte litúrgica por um anjo segurando uma lança, uma moeda e uma pena. Ele é o padroeiro dos contadores, oficiais alfandegários,



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 119.

⁷ Nos arquivos da Paróquia São João Calábria não se encontrou registro da fundação dessa comunidade.

fiscais financeiros, conselheiros fiscais, operadores em bolsa de valores, guardas de segurança de valores, coletores de impostos e cobradores de impostos. Na Santa Ceia de Da Vinci, São Mateus é o quarto à esquerda de Jesus. A comemoração ao dia de São Matheus é 21 de setembro.

2.3.8 Comunidade São Marcos

Figura 25 - Comunidade São Marcos - vista frontal.



Data de fundação: 20/11/2005

Localização: Rua Catiguá, Quadra 26, Lote 1, Bairro

Paulo Coelho Machado

Pároco: Pobres Servos da Divina Providência

Figura 26 - Imagem de São Marcos.

Nasceu fora da Palestina, pertencia a uma família bastante rica e era conhecido pelo nome hebraico de João e pelo nome romano de Marcos ou pelo duplo nome de João Marcos. O Evangelho de Marcos pode, sem dúvida, ser chamado O Evangelho do catecúmeno (Catecúmeno é o principiante aquele que está sendo evangelizado). A escrita do seu Evangelho foi em Roma como confirmam a tradição representada pelos Papas Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e outros. Marcos escreveu o Evangelho não para os judeus, mas sim para os pagãos convertidos da igreja de Roma ao cristianismo. Marcos é simbolizado pelo

leão. Com o leão ao seu lado, Marcos define que, às vezes, é necessário ser como um leão alado, com o Evangelho preso em suas garras, anunciando sempre, sem temor, a única verdade: que Jesus Cristo é o Filho de Deus. São Marcos morreu no ano 68, no Egito, sendo arrastado pelas ruas de Alexandria como um animal manso destinado ao matadouro, amarrado com cordas no pescoço e jogado ao cárcere. No dia 25 de abril sofreu o mesmo tormento e



Fonte: CASTILHO, 2006, p. 119.

morreu. Foi sepultado num vilarejo perto de Alexandria. O dia de São Marcos é comemorado no dia 25 de abril.

2.4 AÇÕES DA COMUNIDADE SÃO JOÃO CALÁBRIA

As ações são desenvolvidas pela comunidade do entorno e comunidades pertencentes à paróquia estudada. Tais ações são diversificadas, procurando realizar um trabalho integrado na territorialidade de Campo Grande. Nesse contexto, destacam-se: a catequese; a pastoral da criança, dos jovens e das famílias, merecendo atenção especial o projeto do Centro Social Madre Maria Hubert, o coral e a missa afro, a qual será explicitada no capítulo 3.

Durante todo o mês de fevereiro, aos domingos à tarde, faz-se à formação de senhoras, habilitando-as a dar o curso de catequese para as crianças. Atualmente, o referido curso é dado na casa paroquial (ver Figura 27).

Figura 27 - Vista parcial da Casa Paroquial São João Calábria.



Fonte: Arquivo da paróquia, junho, 1996.

A Casa Paroquial construída com o apoio dos fiéis foi inaugurada em fevereiro de 1995 e tornou-se ponto de referência para os paroquianos.

A pastoral da paróquia também se volta para a juventude por meio do Movimento de Jovens na Orientação da Vivência Sacramental - JOVISA, que congrega jovens do entorno e de outras comunidades⁸.

A Pastoral das Irmãs Vicentinas é voltada para a formação de catequistas - mães e a Pastoral do Dízimo realizando oficinas, palestras.

As ações da Pastoral da Criança e da Saúde são desenvolvidas pela Irmã Denise Carvalho (ver Figura 28), por meio do projeto - Centro Social Madre Maria Hubert,⁹ que objetiva orientar e acompanhar as crianças da comunidade nas atividades de cunho religioso, canto, capoeira e lazer, bem como orientar a saúde das crianças via Pastoral da Criança (ver anexo C).

O projeto foi criado com a intenção de resgatar a dignidade da pessoa humana, pelo processo educativo que favorece a auto-organização, autodeterminação da clientela, a inserção no meio familiar, escolar, social e cultural. Fortalecer a autoestima, viabilizar meios para sanar a situação de carência e oportunizar a elevação do padrão de vida sócio familiar¹⁰.

Esse trabalho iniciou-se em 2007, no Jardim das Macaúbas, com parceria da Congregação dos Padres Pobres Servos da Divina Providência, usando o local ao lado da paróquia e algumas localidades da mesma paróquia para o desenvolvimento de ações vinculadas ao referido projeto.

Em sua fase inicial, essa obra foi concretizada devido a grande demanda de crianças carentes e fragilizadas nas ruas do bairro em situação de vulnerabilidade: exploração sexual infanto-juvenil, violência doméstica, a existência de uma favela nas proximidades e, portanto, a urgência de lhes proporcionar atividades sócioeducativas.

Atendendo inicialmente 20 crianças, entre as mais empobrecidas, mas com o aumento da procura, esse número passou para 110 crianças. O trabalho alcançou também suas famílias, principalmente as mães, oferecendo cursos profissionalizantes, palestras e encaminhamentos quando necessário.

No final de 2006, foram atendidas de 52 a 60 crianças. Percebe-se que o bairro cresceu, desenvolveu-se e as famílias vulneráveis foram para outros bairros periféricos. Por

⁸ Em 1995, eram 67 jovens e, na atualidade, o total ultrapassa mais de 120 (LIVRO DO TOMBO - Paróquia São João Calábria, 2007).

⁹ O projeto (iniciado em 1993) faz parte do acervo documental da Paróquia São João Calábria.

¹⁰ Identificam-se aqui, características do desenvolvimento local.

causa da baixa demanda, pode-se observar que o trabalho já não se faz mais necessário nesse local. Depois de três anos de reflexão e, após uma experiência de 2 anos de trabalho com crianças e adolescentes no jardim das Macaúbas, região do Grande Los Angeles, decidiu-se transferir o Centro de Promoção Humana e Social Madre Maria Hubert para essa localidade¹¹.

O projeto visa:

- a) dar continuidade ao atendimento de acompanhamento escolar, lazer, atividades artísticas, culturais e artesanais, estimulação para a alfabetização, alimentação e promoção da criança.
- b) desenvolver nas crianças e adolescentes habilidades na área da informática, gosto pela música, pelo belo.
- c) ajudar no processo da desconstrução de exclusão social, econômica, familiar e religiosa.

Nesse aporte, as ações também privilegiam tirar as crianças da rua, garantir que seus direitos fundamentais sejam conhecidos e respeitados; preservá-los do assédio das gangues que os envolvem para o mundo das drogas; educar para se ter uma alimentação adequada para o seu desenvolvimento físico e mental, suprimindo assim alguma deficiência encontrada na alimentação de sua casa; ajudá-las nos estudos com acompanhamento escolar, evitando assim a evasão escolar, despertando o gosto pelo estudo acadêmico; oportunizar a formação e o resgate da cidadania infanto-juvenil, realizando a inclusão ao trabalho, bem como a inclusão na sociedade.

Oficinas são realizadas para dar suporte às crianças e integrá-las no meio social com dignidade¹² (ver quadro 1).

¹¹ O projeto (iniciado em 1993) faz parte do acervo documental da Paróquia São João Calábria.

¹² Identificam-se aqui também características de Desenvolvimento Local.

Quadro 1 - Oficinas - 2007 - 2008.

OFICINA	MONITOR	DIAS DA SEMANA
Capoeira	Helton	3ª feira
Coral	Cibele	5ª feira
Artes	Luciana	2ª e 5ª feiras
Literatura Infantil	Monitoras	4ª feira
Esporte/Recreação	Monitoras	2ª feira
Canto/Teatro	Ir. Denize	4ª feira
Crochê	Silvana	2ª e 4ª feiras
Dança	Rosângela	3ª 5ª feiras

Obs. O horário para todos os dias é das 14 às 16 horas

Figura 28 - Irmã Denise Carvalho.

Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

A atual coordenadora do projeto irmã Denise Carvalho¹³, “mencionou que o projeto foi idealizado com a finalidade de tirar as crianças do grau de risco e oferecer às mães um local onde elas pudessem deixar seus filhos nos horários de trabalho”. Atualmente, segundo Denise Carvalho (ver foto 28) “o projeto atende 62 crianças em suas necessidades ocupacionais e religiosas e essas crianças são acolhidas na medida de suas necessidades emergenciais (problemas com as drogas, familiares, vivência nas ruas)”.

Para a coordenadora, “o projeto objetivo ainda acolher crianças e adolescentes empobrecidos na faixa etária de 6 a 14 anos, priorizando o acompanhamento escolar, a alimentação, o lazer, as atividades artísticas e artesanais, evitando assim a vulnerabilidade a que essas crianças estão expostas, dando ainda atendimento às mães em atividades múltiplas”.

Segundo depoimento de Alexandra Conceição da Costa Florentino Cavalli¹⁴, (mãe de dois filhos que participam do projeto), em 2007, tive necessidade de trabalhar e por meio de pessoas conhecidas fiquei sabendo do projeto e vi nele um espaço para deixar meus filhos em

¹³ A coordenadora do projeto reside na rua Olivério Rodrigues da Luz, 271 - Bairro Jardim Macaúbas e autorizou em entrevista a divulgação de sua imagem e de sua fala (outubro, 2008).

¹⁴ Alexandra Conceição da Costa Florentino Cavalli, reside a rua Pedro Leite, 1196 - Bairro Mário Covas e autorizou em entrevista a divulgação de sua imagem e de sua fala, bem como a imagem de seu filho inserida neste trabalho; Jader Luis Cavalli (outubro, 2008).

meu horário de trabalho. Há dois anos que meus filhos estão no projeto e muita coisa mudou. Eu percebia que eles tinham dificuldades na escola e passaram a melhorar as notas e, além de serem retraídos, passaram a ficar desinibidos com a participação na capoeira, no reforço escolar, no futebol e nas aulas de religião. “Passei a receber elogios da escola e gostaria de assinalar que devido a essa melhora na vida de meus filhos, senti a necessidade de ser uma voluntária e me ofereci para trabalhar como professora de reforço e no momento, me encontro como monitora”.

O projeto acolhe 110 crianças da comunidade do entorno de outras comunidades, vinculadas à paróquia São João Calábria, desenvolvendo atividades diversas como foi mencionado, mas merecem destaque as comemorações festivas para integração dos participantes e voluntários (ver figura 29).

Figura 29 - Centro Crianças do projeto Centro Social Madre Maria Hubert: crianças vinculadas ao projeto.



Figura 30 - Jader Luís Cavalli.

Dentre as crianças participantes do projeto, Jader Luís Cavalli, de 11 anos, assinalou que “gosta do projeto, porque todo o dia das 13 às 14h 30 não fico mais na rua e tenho um lugar onde posso comer, jogar futebol e recebo orientação escolar; em casa, rezamos após o almoço” (ver figura 30).



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro, 2008.

2.4.1 Coral da Comunidade Católica São João Calábria

O coral iniciou suas atividades em novembro de 2003, como experiência com as crianças da catequese, coordenado pelo Padre Josuel Boaventura e uma equipe de pais colaboradores. O coral era um grupo pequeno, composto por apenas sete crianças da comunidade do entorno que demonstraram interesse pela música e, dessa forma, foram realizados treinamentos e testes vocais para analisar as vozes e assim achar um vocalista no grupo¹⁵ (ver figura 31).

Figura 31 - Coral da Paróquia São João Calábria.



Foto: Arquivo da Paróquia, 2006.

Após dois anos de caminhada, o grupo aumentou e mais crianças se integraram ao coral. Algumas mães pertencentes à comunidade solicitaram que seus filhos participassem do coral, pois a projeção dessa atividade era visível por toda comunidade. Cibele Cristina Bontorim¹⁶ deu o seguinte depoimento: “eu não participava da comunidade e quando acompanhei uma vizinha que tinha um filho no coral, me encantei com o trabalho. Conversei com o Padre Dega para que minhas crianças pudessem participar, pois ele já havia me feito um convite antes. Logo me envolvi, vendo meus filhos que nunca cantaram e passaram a evangelizar por meio da música”.

¹⁵ Informações dadas pelo Padre Josuel Boaventura, via entrevista autorizada (outubro, 2008).

¹⁶ Entrevista e uso de imagem autorizadas, realizada em outubro de 2008, cuja entrevistada reside na rua Francisca Gonçalves Figueiredo - Quadra 30 - Lote 8 - Bairro Lageado - Campo Grande-MS.

Figura 32 - Cibele Cristina Bontorim.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Atualmente, Cibele Cristina Bontorim é a coordenadora do coral e trabalha juntamente com membros da comunidade para o fortalecimento dessa comunidade artística. De acordo com a coordenadora, uma das dificuldades encontradas para que o coral continue a se desenvolver “é a falta que o Padre Dega faz, porque ele era o maestro e um grande incentivador das crianças, sendo que hoje ele se encontra em tratamento de saúde na Itália, deixando todas as músicas gravadas em *playback* para os ensaios”.

Figura 33 - Dina Marques.

Ressalta-se também a participação de Dina Marques¹⁷ que afirmou: “tenho dois filhos que me pediram para cantar no coral. Após um convite do Pe. Dega, passei a trazê-los para o ensaio e comecei a sentir necessidade de ajudar e, quando percebi, estava totalmente envolvida; hoje, nós, mães das crianças do coral, estamos ensaiando para formar futuramente um coral de adultos”. Dina Marques assinala ainda que: “antes convidávamos os fiéis para a missa, hoje elas veem o coral cantando nos eventos da paróquia e nos procuram para participar”.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Em 2005, com os ensaios e apoio da comunidade, foi lançado o primeiro CD, com músicas litúrgicas, intitulado - **Celebrando com Maria a festa do seu filho** (ver figura 34). O CD foi gravado na própria paróquia.

¹⁷Entrevista e uso de imagem autorizada, realizada em outubro de 2008. A entrevistada reside na rua Lídio Francisco Belo, n. 105 - Bairro Macaúbas - Campo Grande-MS.

Figura 34 - Capa do primeiro CD do Coral.



Foto: Arquivo da Paróquia, 2005.

Após um ano do lançamento do primeiro CD em 2006, o coral contava com mais ou menos 50 componentes, ocasião em que começaram a produção e a gravação do segundo CD, dessa vez, com músicas populares e pastorais com o título **Reavivando a fé** (ver figura 35)

Figura 35 - Capa do segundo CD do Coral.



Fonte: Arquivo da paróquia, outubro, 2006.

Atualmente, o coral conta com 70 crianças que se dividem em dois grupos para os ensaios, atuando nas missas, nas festas, nas comunidades pertencentes à própria paróquia.

As crianças componentes do coral pertencem à comunidade do entorno, contando ainda com crianças de outras comunidades. Nos depoimentos de algumas crianças

entrevistadas em outubro de 2008, com autorização das mães, pode-se perceber o grande interesse e a vontade de participar do coral.

Figura 36 - Talita Fernandes da Silva.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Segundo afirmação de Talita Fernandes da Silva, de 10 anos de idade ela se sente bem com o que faz, ao afirmar que: “gosto de participar do coral e muitas coisas mudaram em minha família. Agora agradeço todos os dias o alimento, a educação que meus pais me dão, pois aprendi no coral formas de evangelizar”.

Figura 37 - Ana Vitória Fernandes.

Ana Vitória Fernandes, de 9 anos de idade, assinala que: “eu adoro participar do coral e gosto muito de cantar e dialogar com os meus colegas”. Percebe-se que o coral estimula as crianças a participarem.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Figura 38 - Thamires Souza de Freitas.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Thamires Souza de Freitas, de 13 anos, diz: “a participação no coral como solista mudou algo em minha vida; com certeza me ajudou muito a entender a importância de Cristo em meu interior”. Nota-se que há um envolvimento consciente dessas crianças.

Figura 39 - João Rafael Fernandes Bontorem.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

João Rafael Fernandes Bontorem, de 12 anos de idade, afirmou: “gosto muito de participar do coral porque ele é uma forma de evangelizar e sinto que sou um exemplo para outras crianças no sentido de ajudá-las a não usar drogas, não roubar [...]. Muitos colegas que estão no coral vieram da rua e com os ensaios, as orações que fazemos, eles começaram a perceber que o que estavam fazendo, Jesus não gostava”.

Figura 40 - Jhenifer Karoline Carvalho Duarte.

Jhenifer Karoline Carvalho Duarte, de 12 anos, afirmou: “participo do coral desde o início e aqui somos uma família, quando minha mãe se separou do meu pai eu sofri muito e não aceitei. As tias que ensaiam a gente no coral me ajudaram muito, em casa eu comecei a dizer que era falta de oração e eu pedia a minha família para rezar mais. Hoje, já entendo melhor a separação dos meus pais e todos os dias, rezo e agradeço por cantar no coral e tenho certeza de que é uma forma de evangelizar”.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Nesse contexto, percebe-se que crianças de rua e crianças com dificuldades escolares e familiares encontraram no coral uma forma de melhoria de qualidade de vida, com destaque para a solidariedade entre o grupo. A seguir as figuras 41 e 42 mostram atividades do coral.

Figura 41 - Ensaio do coral.



Fonte: Arquivo da Paróquia, outubro, 2007.

Figura 42 - Apresentação do coral fora da comunidade 2007.



Fonte: Arquivo da Paróquia, novembro, 2007.

Podem-se identificar potencialidades na comunidade, com vistas à realização de um trabalho com a interlocução do sacerdote para o desenvolvimento de atividades que podem se transformar em ações específicas do desenvolvimento local. Tais ações devem ter continuidade independente da ação pastoral do pároco.

3 A MISSA AFRO-BRASILEIRA

No Brasil existem várias manifestações em que o negro busca relembrar as celebrações feitas pelos seus antepassados, vindos de diversos países do continente africano durante o período correspondente à escravidão.

De acordo com Rosenfeld (1993), o preconceito contra os negros é quase sempre negado, e o brasileiro destaca que no Brasil não há preconceito (ROSENFELD, 1993).

A importância de tal estudo dá-se no âmbito da religião e, como esta faz parte da sociedade, essa sociedade vive religiosidade, seu culto, sua festa. Da prática, retiram às manifestações do coletivo que não somente praticam como também se veem no contexto do ritual, sendo assim, corrobora-se com Durkheim (1983, p.212) na seguinte elocução:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.

Se o tempo também separa e re-atualiza ritualmente as festas, em que o inconsciente coletivo cria uma aura religiosa, nas comemorações sagradas católicas, ao mesmo tempo pode re-atualizar a memória coletiva afro-brasileira (CASTILHO et al., 2004).

3.1 MISSA AFRO-BRASILEIRA E SEUS VALORES CIVILIZATÓRIOS

A memória do povo negro não necessariamente é vivida no continente proveniente, no entanto, foi vivida aqui no Brasil e na época da colonização se manifesta mais presente nos Estados em que a população negra se torna mais presente, como também nas parcelas mais

humildes da população (como se verá a seguir), criando assim, um ambiente que reforça suas tradições e o orgulho do seu passado. A tradição reforça o passado e aumenta a autoestima do fato da sua afro-descendência. Assim, Da Matta (1981, p. 48) expõe que:

Sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. E ter consciência é ser socializado, isto é, é se situar diante de uma lógica de inclusões necessárias e exclusões fundamentais, num exaustivo e muitas vezes dramático diálogo entre o que nós somos (ou queremos ser) e aquilo que os outros são e, logicamente, nós não devemos ser.

O que o grupo não deve ser, não se trata de rejeição ou mesmo de aversão, mas do reconhecimento do que os outros são e o que o grupo não se identifica. A tensão se encontra, assim, na estreita linha em que a pessoa não se reconhece como parte daquela cultura, criando um grande vazio identitário.

Entende-se por cultura:

El conjunto de los rasgos distintivos, espirituales y materiales, intelectuales y afectivos que caracterizan a una sociedad o grupo social. Engloba no sólo las artes y las letras, sino también los modos de vida, los derechos fundamentales del ser humano, los sistemas de valores, las tradiciones y las creencias (UNESCO apud CLAXTON, 1984, p.6-7).

Toda ação humana é fundamentada em valores que a operacionalizam e fazem delas um modo de vida, de sentir, de agir, de pensar, de fazer, portanto, de se relacionar com o outro e com o meio circundante, inclusive por meio da religião.

Esse processo de construção está mais expresso na forma de como determinada comunidade interage com o absoluto - Deus - e como nenhum outro aspecto, dá os contornos de sua civilização e dos valores que são reforçados e que lhe empresta forma peculiar, que a caracteriza (MORAES, 2008).

Assim, os valores civilizatórios (ver figura 26) nas comunidades tradicionais e nas atuais relacionam-se com o princípio democrático, presente no modo de vida da coletividade.

Essas comunidades tradicionais e algumas atuais (como é o caso da comunidade São João Calábria) funcionam de forma orgânica, não podendo sofrer interferências desagregadoras na sua relação cultural e quando são atingidas em seus valores ou estes ameaçam a coletividade ou se procura estabelecer um novo arranjo de sua existência, mantendo sua sobrevivência.

Para Diegues (2000), comunidades de resistência cultural, ensinam os comunitários recriarem modalidades de reprodução material, social e simbólica quando percebem que seus meios usuais de apropriação culturais são ameaçados.

Figura 43 - Valores civilizatórios.



Sendo assim, chega-se ao ponto central, ou melhor, ao objeto de estudo deste capítulo, cujo foco a ser analisado está localizado no município de Campo Grande (MS), a rua Oliveiro Rodrigues da Cruz, n. 247, bairro Macaúbas. Apresenta em seu local uma igreja que realiza em suas missas manifestações de cunho sincrético, isto é, possuem uma liturgia católica com inserção de símbolos, ritos característicos das religiões afro-brasileiras.

Brandão (1987, p.41-42) trata essa mescla de cultos da seguinte forma:

O catolicismo popular preservou da doutrina canônica e do imaginário fantástico da Igreja colonizadora ibérica quase toda a estrutura de símbolos e de articulações de códigos e princípios de conduta social [...] Elas atingiram sempre mais agentes de culto e fiel eruditos, de classes médias para cima [...]

Por isso até hoje, fora o caso de sujeitos e grupos populares associados ao trabalho pastoral das dioceses, paróquias e comunidades definitivamente pós-conciliares, a influência eclesiástica é pequena e em pouco modifica *habitus* populares resultantes do trabalho cultural e religioso de agentes ibéricos, mesclando a influência de sistemas de crença e culto indígenas, afro-brasileiros e, mais recentemente, espíritas kardecistas.

Apesar de o fenômeno em discussão não se tratar de uma manifestação pertencente ao catolicismo popular, caracterizando-se por catolicismo “formal” aquele praticado dentro do âmbito eclesiástico e o popular celebrado por agentes camponeses de cultos coletivos, cabe ressaltar o ponto em que o autor percebe que, em se tratando de classes sociais, os cultos aculturados têm maior aceitação nas camadas denominadas “classe baixas”, mostrando que, nesse caso, quem tem que se adaptar é os agentes religiosos e não os fiéis, e que o consentimento se torna maior ao sincretismo.

A missa, de forma sincrética com que é realizada, possui validade do ponto de vista da Igreja Católica conforme documentos que registram essa autorização. Os documentos referentes são:

- 1- SC (sacrossantum concilium) documento do vaticano II nº 37 a 40.
- 2- Santo Domingo (conferência Latino Americana dos Bispos) nº 229 a 230.
- 3- RMi (Redentores Micio) nº 52.

É importante ressaltar, que as relações entre a igreja e as religiosidades populares têm por parte da igreja católica uma nova abordagem, como mostra Brandão (1987, p. 45):

Depois do Concílio Vaticano II e, mais ainda, depois Medellín, as relações entre a Igreja e as religiosidades populares passam por alguns matizes: a) dioceses tradicionais e, sobretudo, os grandes centros de romarias populares incentivam e promovem cultos coletivos, desde que submetidos ao comando de congregações de sacerdotes; [...] d) as frentes de práticas das comunidades eclesiais de base buscam, com dificuldades muito grandes, a criação de formas de crença e culto que traduzam, ao seu modo, não mais a ‘religião da Igreja’ ou a ‘religião do povo’, mas uma *religião de compromisso* entre um lado e o outro.

Esse mesmo autor continua afirmando que, em documento elaborado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), denominado “Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil” a prática das religiosidades populares vêm ocorrendo.

As manifestações de fé próprias de piedade popular constituem, de maneira geral, um valor autêntico. Deve-se estudá-las, compreendê-las, valorizá-las, purificando-as do que tivessem de menos exato delas partindo para uma

evangelização proveitosa e enriquecendo-as com elementos próprios da Liturgia e descobrindo nelas elementos que possam ser assumidos pela própria Liturgia. De maneira particular, não se perca de vista a direção cristocêntrica¹⁸ e comunitário-elesial que a reforma e a renovação promoveram.

Essas citações só vêm a acrescentar a respeito da legitimidade da missa, não somente no seu formato tradicional como também nas formas aculturadas relacionadas às danças, cantos e ritos não provenientes da igreja católica.

3.2 LITURGIA EM MOVIMENTO

Ao se analisar a liturgia constatou-se que durante a celebração aculturada ocorreram rituais específicos de modo a anunciar o sagrado, preservando-se a essência do evangelho. Trata-se também de uma reflexão que os católicos negros fazem sobre “ser negro ou ser cristão”. No aporte do Pe. Dega, o negro cristão não pode negar sua negritude, deve participar de celebrações religiosas, destacando seus valores culturais afros (ver figura 44).

Figura 44 - Liturgia aculturada.



¹⁸ A Igreja que tem Cristo como modelo, pastores e pastoras são chamados (as) a servir; os leigos e as leigas que interagem com suas ações no exercício dos ministérios, isto é, o sacerdócio universal dos fiéis, por meio de um compromisso com a missão de evangelizar.

Esse ritual é realizado numa comunidade e, nesse aspecto, pode-se conceituar a comunidade como sendo um lugar de interesses comuns situado em espaço territorialmente delimitado, possuindo identidade social e histórica (ÁVILA 2000).

Identificou-se, na comunidade estudada, a participação de afro-descendentes, os quais não tinham a preocupação de preservar sua cultura; a partir das atividades desenvolvidas na paróquia, eles passaram a dar valor em sua própria cultura, exercendo a cidadania e melhorando sua autoestima.

Figura 45 - Aparecida da Silva Rodrigues.



Foto: Cirlene Ozuna Belmont, outubro 2008.

Aparecida da Silva Rodrigues, descendente de afro-brasileiro, é a coordenadora da Pastoral Afro da Paróquia São João Calábria trabalha juntamente com os membros da comunidade para o fortalecimento da cultura negra. De acordo com a coordenadora, “a pastoral afro cultiva vivos os valores dos antepassados e enriquece a vida litúrgica da Igreja, somos profundamente religiosos, expressamos nossa fé em Deus significativamente. Além dos ritos cerimoniais, nosso Deus que mora no céu, assegura a vida aqui na terra e tudo que nela existe”. O sincretismo afro-brasileiro (choque da religiosidade) é ligado à natureza, que nos leva a celebrar com abundância a água, o fogo, as folhas, a terra, as flores e os frutos, que representam os alimentos e também as ervas para a cura da humanidade.

Na tentativa de unir todo o trabalho exercido pelos líderes das pastorais e de acreditar na importância da celebração da missa afro como um caminho eficaz de conscientização e fortalecimento dos grupos negros, houve um despertar sobre as questões de caminhada da negritude na vida religiosa e do seu envolvimento com consciência do significado dessa celebração, por isso, o grande número de engajamento vem desafiando a própria Igreja na questão da inculturação, em que vários documentos da igreja mencionam a necessidade da evangelização aculturada.

Figura 46 - Claudemir Novaes de Souza.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

O secretário da pastoral da missa afro - Claudemir Novaes de Souza¹⁹ (ver figura 46) assinala que: “a missa-afro tem por objetivo resgatar a cultura, o sofrimento e o jeito de viver de nossos antepassados. Devido existir na comunidade muitas pessoas negras e o pároco também ser negro, o mesmo convidou os integrantes para a formação da pastoral”.

A princípio, eram somente negros, após a realização da primeira celebração houve o interesse das demais pessoas que por curiosidade pediram para participar e conhecerem essa cultura. As pessoas pensam e percebem que a dança, o batuque, as comidas da terra, as oferendas, fazem parte da cultura afro, poderia até se ter essa idéia, mas a partir do momento em que participam da celebração começavam a ter a consciência de que realmente é uma missa inculturada.. A celebração é feita em ambiente aberto, com muitas árvores trazendo energias positivas e força para o envolvimento na celebração”.

Constatou-se que os principais valores ligados à cultura negra são vivenciados com intensidade na missa por todos os participantes. Trata-se de uma espiritualidade mística, vindo da mãe África e enriquecido pelo contato com as diversas experiências cristãs ao longo da história e culminando com a chamada missa dos quilombos celebrada pela primeira vez, oficialmente, por Dom Helder Câmara e Dom José Maria Pires, tendo como cantos compostos e executados por Milton Nascimento (ARQUIVO DA PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA, 2008).

A missa afro-brasileira da Comunidade São João Calábria ocorre anualmente, no mês e na semana da consciência negra entre os dias 20 a 27 de novembro, semana que reverencia a morte de Zumbi dos Palmares, morto em 20 de novembro do ano de 1695 (Ver figura 47).

¹⁹ Entrevista e imagem autorizadas, em outubro de 2008, por Claudemir Novaes de Souza, residente na rua Varna, 58 - bairro Mário Covas.

Figura 47 - Preparação das oferendas para a missa afro-brasileira.



Foto: Padre Ivan Luiz Bassoto, novembro 2007.

Os valores africanos rememorados na liturgia pelas comunidades afros não têm um rito definido. Cada vez que celebram, demonstram a cultura que sempre fez parte da vida de seus antepassados e de suas lideranças, com valores profundos que enriquecem a vida litúrgica da Igreja e estão realmente na base da cultura afro.

Na missa, o povo negro reverencia a natureza, o que o leva a celebrar com abundância a água, o fogo, as folhas, a terra e as flores. É de grande importância também celebrar os antepassados, pois, para esse povo seus antepassados fazem parte da caminhada, construindo essa história com a comunidade local (ver figura 48).

Figura 48 - Celebração da missa afro.



Figura 49 - Ivone Brito de Oliveira.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

Uma das participantes da missa afro - Ivone Brito de Oliveira²⁰ (Figura 49) assim se pronuncia: ‘à princípio é um momento de interatividade cultural religiosa, que desperta inicialmente a curiosidade das pessoas, que após participarem do laboratório de estudo da cultura afro-brasileira, passaram a ver como é uma celebração inculturada da igreja católica. Os membros da comunidade participam de reuniões de estudo para conhecer a cultura dos afros descendentes e a importância da valorização da raça negra, só depois é que o pároco faz o convite para que a pessoa seja membro participante da comunidade. A celebração é feita em ambiente aberto, com as pessoas descalças, com muitas danças, batuque, músicas, cantos e oferendas’.

Na festa, demonstra-se que a vida deve ser diferente, deve ser partilhada, gratuita, com muita alegria e, num sentido escatológico, aperitivo do grande banquete no reino definitivo. A dança apresenta características das festas africanas celebradas no Brasil, onde há o gingado e as expressões corporais específicas da etnia negra. Os atabaques na festa têm um

²⁰ Entrevista e uso de imagem autorizadas, em outubro de 2008, por Ivone Brito de Oliveira, residente na rua Antônio Carlos Novaes Marques, 20 - bairro Los Angeles.

papel fundamental, quando eles tocam, o corpo mexe, louvando a Deus. Os cantos trazem uma mística; não precisam ter muita letra, mas muita música. Para a comunidade afro é impossível celebrar sem comida, pois comer juntos é entrar na intimidade do outro, é partilhar a vida. Isso acontece por meio da pipoca, da canjica, da mandioca, da cachaça, do amendoim, do angu, do bolo de fubá, no momento da oferenda na missa (ver figura 50).

Figura 50 - Festa das oferendas da missa afro.



Na liturgia aculturada e, em toda celebração cristã, Jesus Cristo é o centro. Sendo o princípio e o fim de todas as coisas. Para a comunidade afro, ele é o antepassado maior que permite a cada liturgia celebrar seu nascimento, morte e ressurreição, tomando para si toda dor, escravidão, discriminação, preconceito, racismo.

A comunidade recebe a vida que não morre jamais, Jesus, portanto, encontra forças para lutar contra todos esses males. É no seu sangue derramado em um pano que a comunidade encontra presente o sangue de Zumbi dos Palmares, da escrava Anastácia e de todos os mártires da causa negra (BOAVENTURA, 2003).

Como Jesus se identifica com todos os marginalizados, contemplam nele o rosto de todos os negros e assim celebram as dificuldades e conquistas da comunidade negra, colocando no centro o mistério de Jesus Cristo morto e ressuscitado, alimentando o desejo de contribuir sempre mais para a realização dinâmica do seu reino (BOAVENTURA, 2003). Por isso essas celebrações são regadas com muita animação, muito canto, muita dança, muita comida, palavras e gritos de dor e alegria (ver figura 51).

Figura 51 - Momento de partilha na missa afro.



De acordo com a Sacrossantum Concilium, a liturgia é a fonte e expressão de toda a vida da Igreja (SC 10). Essa realidade é levada muito em conta nos encontros dos APNs e GRENI, em que a liturgia tem sido o ponto culminante. Esforçam-se para que o ambiente seja de acolhida, como de fato acontece. Sentindo-se acolhida, a comunidade celebra melhor, partilha a vida com mais confiança, experimenta um grande aconchego de irmãos e irmãs reunidos na casa do Pai.

De acordo com o Pe Dega (2006)²¹, a missa aculturada afro, contempla:

A liturgia inicial ao som dos atabaques no compasso de danças que caracteriza a festa. Na cultura negra os instrumentos musicais, particularmente o atabaque, são instrumentos sagrados. O atabaque está sempre presente na vida do povo, do nascimento à morte. Anuncia as festas, as vitórias e os perigos. Ao som do atabaque a comunidade se torna comunhão [...] Ao início da celebração se revive a memória histórica daqueles que sofreram no próprio corpo o martírio de Cristo. E entre estes está Zumbi, mártir maior da causa negra, assassinado no quilombo dos Palmares pelo sistema brancos opressor em 1695. A celebração é feita muitas vezes no chão, ao ar livre, vivenciando a ligação vital com a natureza, expressando assim a relação amorosa com ela. O grande templo de Deus é a natureza e também o seu mais grosso volume. As liturgias são mais criativas e a cada celebração é pode assim dizer, uma experiência única.

²¹ Entrevista autorizada, realizada em setembro de 2006, com Josuel dos Santos Boaventura - Pe. Dega.

No Ato Penitencial acontece o pedido de perdão por aqueles que fizeram seus pais de escravos, e por aqueles que ainda continuam a discriminar em todos os campos. Conclamam perdão pelos membros da igreja a que pertencem, que ainda hoje muitas vezes são coniventes com o racismo. Enquanto comunidades negras, pedem perdão pelas vezes que não assumem sua negritude, as suas lutas e o compromisso de transformar o mundo num espaço de amor e compreensão. Nesse momento usam o incenso e água benta, com o sentido de purificação. Enfim, cada momento da celebração revive situações concretas de sofrimento por que passa a população negra. Dessa maneira, o culto não se torna uma mera prática devocional, mas uma memória viva e atualizada do mistério de Cristo. Reconhece que o grande hino de louvor é feito por toda a criação. Glorificam a Deus cantando, dançando, jogando folhas para o alto. As folhas representam a natureza generosa que dá os alimentos e também as ervas necessárias para curar as feridas da humanidade.

O axé é a saudação da paz. Tocam a mãe terra e os ombros das pessoas, dizendo axé... axé... que significa: paz, energia, saúde, vitalidade. Não dá para traduzir, mas sentir. Na comunhão, comungam o pão e o vinho, o corpo e o sangue de Cristo. Comem também pipoca, frutas, comungando assim a vida com a cultura negra (ver figura 52).

Figura 52 - Saudação à Negra Mariana na missa afro.



Na bênção final da missa, é dedicado um culto específico a Nossa Senhora que para os negros é a Mama Máxima, referenciada como a mãe do coração que, nesse caso, é cultuada

Nossa Senhora Aparecida. Há um canto na missa afro em que eles entoam: “Negra Mariana, Negra Mariana, cujo conteúdo da letra clama pelo auxílio de Nossa Senhora, objetivando não desanimar o movimento de luta da consciência negra. Trata-se, portanto, de celebrar aquilo que se é e que se vive. É uma celebração em que o espaço se torna banquete no qual todos podem participar, partilhar e se ajudar, preencher-se de Deus e de axé.

Figura 53 - Padre Ivan Luis Bassotto.



Foto: Marcilio Domingues de Souza, outubro 2008.

O padre Ivan Luis Bassotto²² - vigário paroquial substituto da Paroquial São João Calábria, afirmou: “eu tive uma pequena experiência no Rio Grande do Sul com o Pe Josuel e, ao ser transferido para Campo Grande, já encontrei a missa em uma organização dentro da pastoral afro. Como já tinha interesse em conhecer a história do povo negro, passei a participar com mais afinco, sendo que a congregação em que participo busca o apoio aos menos favorecidos, incluindo a necessidade de apoiar a celebração dos afro descendentes. Vejo ainda que, após três anos de celebração nesta comunidade, as pessoas já têm consciência de que a missa é um resgate da cultura dos antepassados negros, e que a celebração faz parte do calendário da paróquia e já é naturalmente reconhecida como uma celebração católica romana. Apesar de não ser afro descendente, não sinto nenhum tipo de preconceito dentro da comunidade, porque existe uma troca muito grande de conhecimento, experiência entre a comunidade e a minha pessoa .”

Vale ressaltar que o referido padre presidiu a missa afro em 10 de novembro de 2008 (ver figura 53).

²² Entrevista e imagem autorizada pelo padre Ivan Luis Bassotto, residente na rua Olivério Rodrigues da Luz, 247, bairro Macaúbas.

Figura 54 - Padre Ivan Luis Bassotto celebrando a missa afro.



Vive-se a espiritualidade profunda, trazida da África, passando pelos quilombos e pelas diversas formas de resistências e lutas. Os participantes rememoram a história, a Aliança do Deus da vida com o seu povo, o celebrante convida toda a comunidade negra, como parte dessa que não se considera negra, a se sentir povo de Deus, integrados a todos os povos e culturas, como sujeito de sua própria história. Tudo isso é revelado, encerrando com um trecho da marcha final da Missa dos Quilombos:

Pires (1987, p. 32) faz uma reflexão sobre os povos Afros da América, destacando que.

Trancados na noite, milênios afora, forçamos agora as portas do Dia. Faremos um Povo de igual rebeldia. Faremos um povo de bantos iguais. Faremos de todos os lares fraternas senzalas, sem mais. Faremos a Negra Utopia do novo Palmares na só Casa Grande dos filhos do Pai. Os Negros da África, os Afros da América, os Negros do Mundo, na Aliança com todos os Pobres da Terra. Seremos o Povo dos Povos: Povo resgatado, povo aquilombado, livre de senhores, de ninguém escravo, senhores de nós, irmãos de senhores, filhos do Senhor! Sendo Negro o Negro, sendo Índio o Índio, sendo cada um como nos tem feito a mão de Olodum.

Com o estudo pôde-se verificar o fortalecimento da cultura negra e o compartilhamento com os seus descendentes, criando um sistema de significados que será assegurado, controlado e orientado para a permanência e sobrevivência da comunidade, contribuindo, assim, para o reforço plural da cultura em que se vive (BOAVENTURA, 2003).

É por meio da identidade que o indivíduo se transforma em pessoa que alcança e assume essa identidade, buscando diversos projetos que norteia sua vida (BERGER, 1999).

Assim a sociedade possui uma variedade de papéis a serem interpretados e interiorizados pelos atores sociais.

A missa afro-brasileira da Paróquia São João Calábria, organizada pelo Pe. Dega, assinala potencialidades que a comunidade pode ter para implantar novas ações que poderão contribuir para o desenvolvimento local.

A cultura afro tem permeado de modo efetivo a cultura brasileira. Nesse contexto, o sincretismo religioso, resulta do paralelismo e da imposição de culturas que continuam vivas nas comunidades, constituindo um verdadeiro amálgama de tradições, ritos, crenças.

O negro importado integrou-se na religião (católica e outras) de forma popular, aceitando ritos, crenças, cantos, danças que lhe foram impostos, mas também conservou parte de suas tradições que resultaram no sincretismo religioso identificado hoje no Brasil. O transe místico das crenças africanas foi inserido em alguns cultos religiosos brasileiros, como por exemplo, o candomblé (CAMPOS JÚNIOR, 1998).

Com efeito, como é sabido, a cultura pode ser entendida de duas maneiras. Em seu sentido antigo e estreito, designa a “alta cultura” da “gente culta”. Mas, no sentido relativamente mais recente do termo, aplica-se ao conjunto das relações que membros de um grupo humano mantêm entre si, abrangendo todos os códigos tácitos e todas as práticas que regem tais relações.

Com base nesses fundamentos, entende-se que a cultura não pode ser herdada de comportamento aprendido pela escrita ou transmissão oral. Os conhecimentos estão ligados ao ambiente em que se vive e são transmitidos aos demais descendentes, pela vivência, pois ela tem saberes universais e particulares (GEERTZ, 1989).

Cada cultura representa uma seleção limitada de padrões de comportamento das potencialidades humanas, individuais e coletivas, postulados (sistema de crença e conjunto de princípios éticos e valores) básicos para a cultura.

A orientação religiosa é marcada pela interioridade de cada pessoa e os sentimentos individuais ganharam uma importância decisiva nesse contexto. A plausibilidade de uma autêntica experiência religiosa não é trazida de fora em normas ou tradição, mas no interior de cada pessoa, a partir de sua vivência comunitária (BOAVENTURA, 2003).

Alves, (2002, p. 33) faz uma reflexão sobre a relação do indivíduo, da sociedade e do sagrado, destacando que: “o sagrado e o profano são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes do homem perante coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes do homem perante coisas, espaços, tempos e ações”.

A vida religiosa é sempre uma experiência de emoção profunda, a revelação de pensamento íntimo e até uma confissão pública do segredo do amor. Porém, não está somente na voz interior, não está só na consciência religiosa, no sentimento, mas principalmente no testemunho de experiências vivenciadas.

Nesse aspecto, é fundamental uma reflexão diante do que foi relatado e a imanência de Deus no mundo criado e, sobretudo no ser humano. Portanto, nesse processo, tanto a cultura destinatária quanto a cultura de grupo de evangelizadores descobrem o sentido sagrado da oração em âmbito individual e comunitário, além do alcance humano e religioso.

Cabe ainda a interação participativa e solidária das pessoas da comunidade, considerando que a palavra é o caminho privilegiado de libertação à medida que as comunidades criam espaço para um discurso de vivência religiosa, ligada com valores de vida.

Crescer nesse amor é tarefa para toda a vida e a comunidade propõe a seus membros ajudá-los nessa tarefa: a se ajudarem entre si, a progredirem no amor a Deus e ao próximo; que dê em sua vida um lugar importante à oração; que se aprofundem constantemente no conhecimento da fé; que vivam uma autêntica e mútua ajuda, ouvindo, dialogando, compartilhando em todos os campos e particularmente no campo espiritual; que tenham a constante preocupação da educação humana e cristã dos seus filhos; que pratiquem o exercício da solidariedade em prol de uma sociedade mais igualitária e humana.

Os membros sublinham, dessa forma, a sua convicção de que não há melhor guia para ir a Deus do que aquela “que ocupa o primeiro lugar entre os humildes e pobres do Senhor que confiantemente esperam e recebem dele a salvação” (CONCÍLIO VATICANO II - Lumen Gentium, 55).

A grande orientação é a do amor que Cristo trouxe à humanidade: 'Amarás o *Senhor teu* Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito, com todas as tuas forças... Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mc 12,30-31).

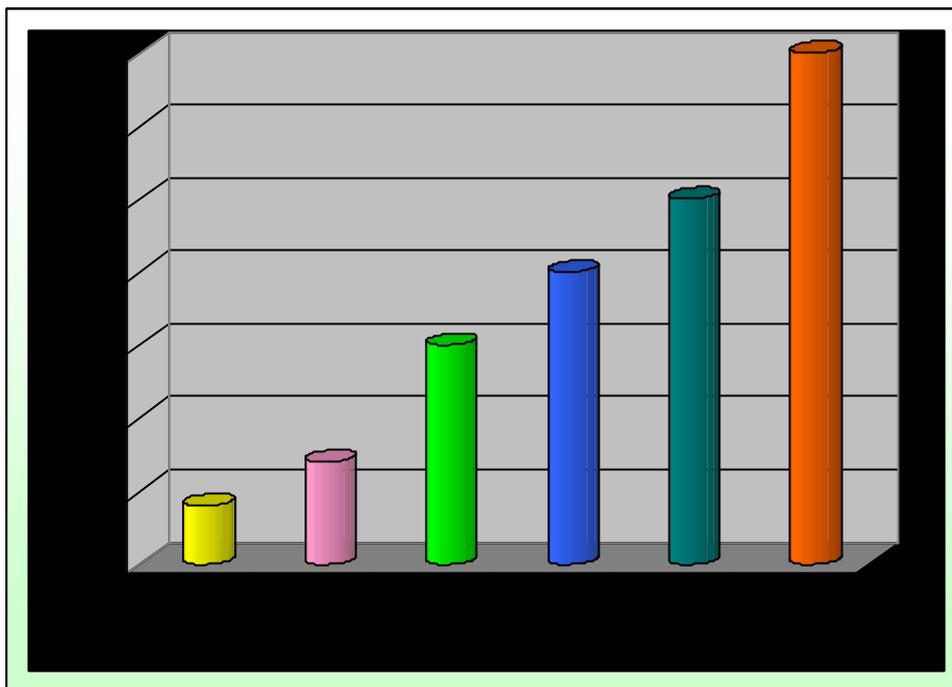
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

A metodologia de análise neste estudo foi de natureza quali-descritiva, pois de acordo com Cavalcanti (1995), o método de pesquisa qualitativa propõe que o investigador veja o mundo por meio dos olhos dos atores que o interagem e dos significados que estes atribuem às situações às quais agem. Análise se baseia na cosmovisão do investigador sobre a realidade, pois ele presencia o cotidiano da comunidade, sendo, às vezes, co-participante dos fenômenos. Já no aporte de Masini (1999), o enfoque fenomenológico constitui-se pois como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno que pode ser retomado e visto sob nova interpretação.

O trabalho também foi pautado por meio de questionários, entrevistas e observações *in loco*, inseridos na dissertação com um todo.

Fez-se um levantamento dos dados sobre os participantes do coral e dos membros da comunidade, observando-se que houve crescimento na participação da comunidade na missa afro (ver gráfico 1).

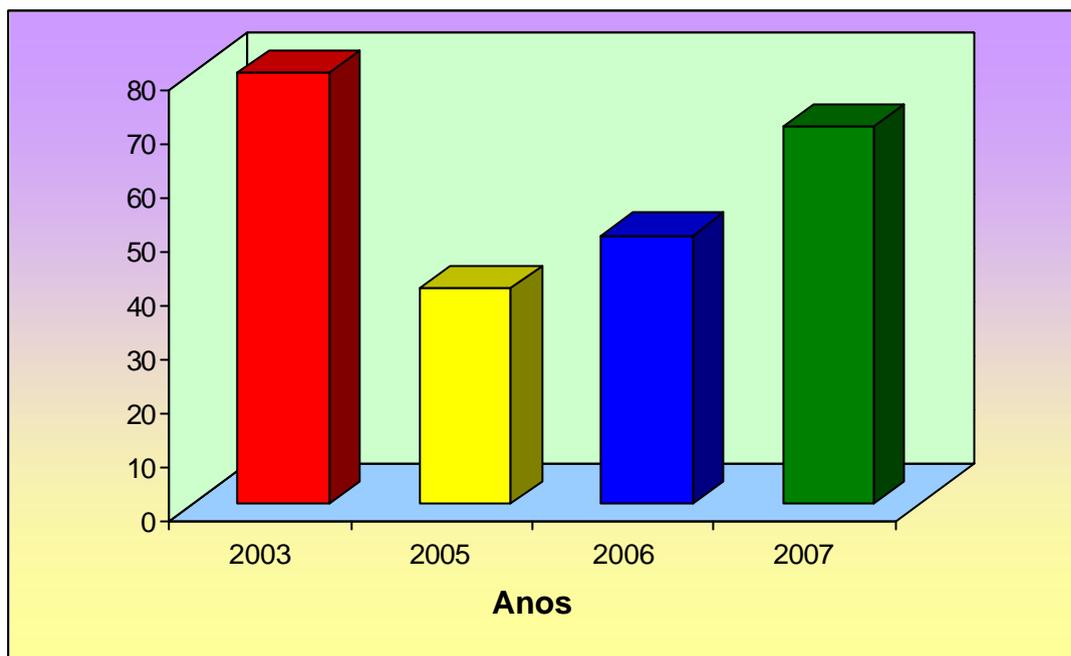
Gráfico 1 - Evolução de participantes da comunidade na missa afro.



Os dados mostraram a evolução da participação da comunicação na missa afro. De acordo com o gráfico 1, no ano de 2002, havia 40 membros da comunidade participando da missa afro e no ano seguinte o quantitativo já era de 70 participantes; já no ano de 2004, houve um aumento de 80 participantes, no ano seguinte, foram 200 participantes. No ano de 2006, houve um crescimento totalizando 250 participantes e, no ano de 2007, o total passou para 350. Observa-se que houve um aumento de 78% de participantes na missa afro do ano de 2002 para 2007

Fez-se também uma pesquisa sobre a rotina e o interesse das crianças do coral da referida comunidade (ver gráfico 2).

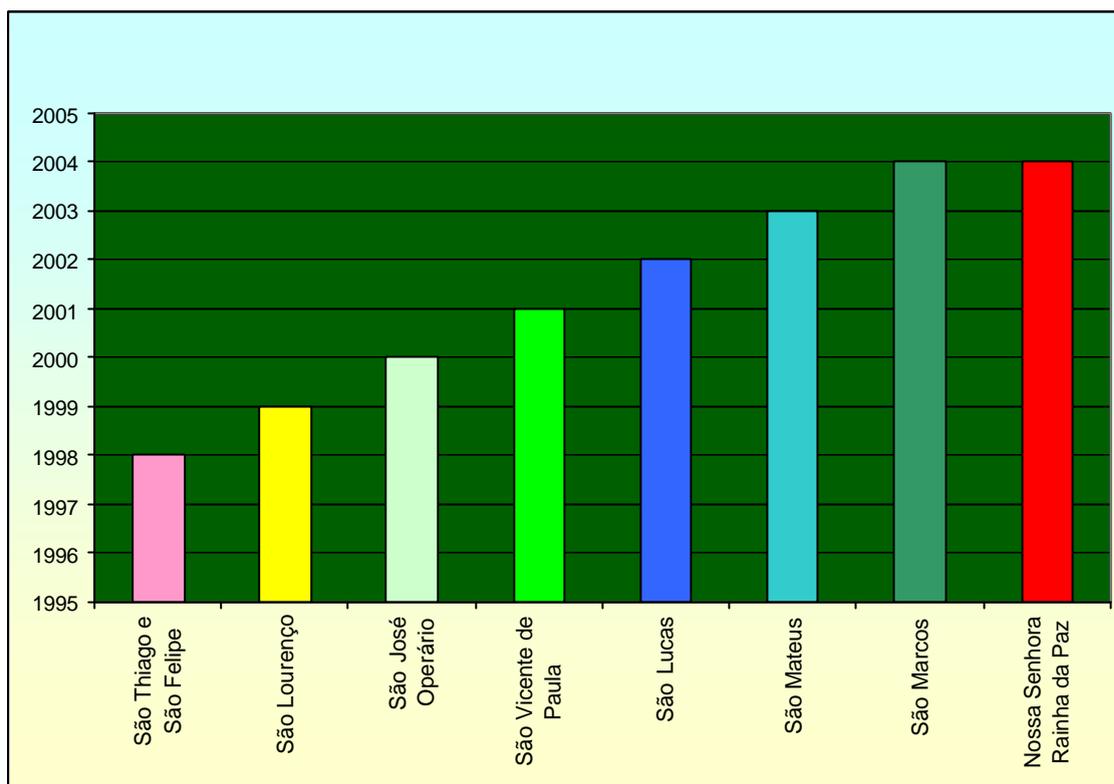
Gráfico 2 - Evolução de participantes no Coral da Paróquia São João Calábria.



Constatou-se que de 2003 a 2007 houve um crescimento significativo dos participantes do coral, evidenciando assim que o coral é uma das ações desenvolvidas e prestigiadas pela comunidade.

Identificou-se que a Paróquia desenvolve um trabalho muito importante junto à comunidade afro-brasileira, com ação de fé e de motivação que leva a pastoral a continuar buscando novas parcerias e ajuda mútua para manter esse trabalho social de qualidade, podendo se configurar como características de desenvolvimento local, pois de acordo com Ávila (2001, p. 13) “A comunidade consiste num círculo de pessoas que vivem juntas, que permanecem juntas de sorte que buscam não este ou aquele interesse particular, mas um conjunto inteiro de interesses, suficientemente amplo e completo de modo a abranger suas vidas”.

Oito comunidades estão inseridas na Paróquia São João Calábria, as quais foram sendo criadas gradativamente de 1997 a 2004 (ver gráfico 3).

Gráfico 3 - Criação das comunidades pertencentes à Paróquia São João Calábria.

Na análise da comunidade, pode-se delinear pontos de convergências e divergências, no sentido de captar possibilidades e deficiências, de dirimir as deficiências e melhorar as convergências. As comunidades pertencentes à Paróquia São João Calábria também realizam atividades interligadas entre si. Dentre tais atividades, destacam-se: a missa afro, o coral e projetos sociais. Nessa interação, as redes locais de cooperação e solidariedade apresentam poder de alcance interferindo nas ações comunitárias locais.

Figura 55 - Interligação das comunidades com a Paróquia São João Calábria.



As pastorais comunitárias fazem a ligação com as outras no sentido oblato do ato da pastoral para despertar o sentido endógeno das pessoas para que o desenvolvimento tenha significado de qualidade, capacitando-os a crescer, ligando-os ao capital social e humano, implicando, portanto, em transformações reais (BASTOS FILHO, 1999).

Assim, a análise e interpretações dos dados aqui apresentadas permitem identificar características que possam permear o desenvolvimento local, abrindo um caminho consistente para que a comunidade, juntamente com os agentes pastorais (leigos e religiosos), realizem um trabalho coeso e solidário, objetivando uma melhoria da qualidade de vida dos paroquianos e outros participantes que poderão viver o dia-a-dia com dignidade e exercendo a cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade Católica São João Calábria é um lugar com um território demarcado oficialmente, bem organizado pela Igreja Católica, uma territorialidade, onde as relações acontecem e são importantes para o sentimento de pertença da comunidade local. Nesse aporte, as ações pastorais desenvolvidas privilegiam: crianças, adolescentes em atividades realizadas via projetos, coral, oficinas e principalmente a missa afro que valoriza a cultura negra.

Procurou-se analisar as ações no contexto social/religioso com relação à comunidade São João Calábria, no Estado de Mato Grosso do Sul, na capital - Campo Grande, como potencialidades e perspectivas de Desenvolvimento Local, que poderão ser aplicadas de modo significativo, destacando o capital humano (dinâmico) ali existente. O principal agente interlocutor é o vigário da paróquia o padre Dega que, ao se ausentar, a comunidade precisou trabalhar sem a sua intervenção. Assim, a comunidade pôde promover suas ações, constatando-se seu desabrochamento para encontrar um caminho rumo ao desenvolvimento local.

Portanto, o que se procura na essência da vida é desenvolver-se em busca de comuns relacionamentos, preferencialmente, aqueles em que as pessoas possuem consciências de dignidade e de valor do ser humano. As relações coletivas propiciam um ambiente repleto de vínculos solidários, responsáveis e comuns.

A comunidade foi aqui tratada de maneira distinta, pois é por intermédio dela que as pessoas se sentem valorizadas, respeitadas e amadas. O que se fez neste trabalho foi analisar o fenômeno do sagrado no contexto das práticas sociais, buscando compreender a concepção e a integração da comunidade centrada no ser humano, no processo de construção territorial, imbricada na formação de comunidades, em matéria de fé, amor, ajuda mútua e bem-estar coletivo. Ao responder a questão norteadora, pode-se afirmar que a comunidade pesquisada possui potencialidades para fazer com que o desenvolvimento local aconteça mas, para isso,

os interlocutores leigos ou não leigos precisam realizar trabalhos que possam conscientizar a comunidade de seu verdadeiro papel na sociedade em que vive.

Detectaram-se, na comunidade estudada, aspectos altamente relevantes para o Desenvolvimento Local, uma vez que as ações são desenvolvidas de forma integrada na comunidade paroquial, proporcionando assim, um sentimento de pertença e uma vivência compartilhada. A comunidade desenvolve pequenas relações em redes (capelas) por meio de um trabalho em que a participação é feita de forma comunitária (festas, procissões, missas, batizados, casamentos e outros).

A maior dificuldade encontrada no contexto foi a capacidade de convivência, com características de modernidade, que se apresenta como algo aberto com as mais variadas ofertas para os indivíduos. Nesse cenário, o cristianismo surge no mercado religioso como portal que dá acesso a mudanças, possibilitando transformar, aperfeiçoar e construir uma sociedade católica mais humana, que busca desenvolver coletivamente, por meio de atividades, musicalidade, missa afro, coral, projeto social e outros, para que se possa alcançar uma melhoria da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense; Abril Cultural, 2002.
- ARAGÃO, Gilbraz S. A religiosidade popular e a fé cristã. *Revista de teologia UNICAMP*, Recife, v.1, n. 1, p. 38-64, janeiro, 2002.
- ARQUIVO DIOCESANO. Decreto de transferência da sede paroquial, 1999.
- ÁVILA, V. F. *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. 2.ed. Campo Grande: UCDB, 2001.
- ÁVILA, V. F. Pressupostos para a formação educacional em desenvolvimento local. *Interações - Revista internacional de desenvolvimento local*, Campo Grande-MS, n.1 v.1, set., 2000.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. *Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local*. Sobral: edições Uva, 2006.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário histórico de religiões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- AZEVEDO, Marcelo. *Comunidades eclesiais de base e a inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 1986.
- BAPTISTA, Mirian Veras. *Desenvolvimento de comunidades: estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global*. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- BASTOS FILHO, Jenner B. (Org.). *Cultura e desenvolvimento: A sustentabilidade cultural em questão*. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.
- BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1981.
- BOAVENTURA, Josuel dos Santos. *Negritude e experiência de Deus. Afro-descendentes brasileiros: na diversidade de culto, unicidade divina*. Porto Alegre, 2001.
- BOFF, Leonardo. *E a igreja se fez povo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. (Centro de Investigação e Divulgação - Teologia - 3).
- BERGER, P. L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. São Paulo: Ícone Editora, 1987.
- CAMPOS JÚNIOR, João de. *As religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998 (Coleção Construindo o Futuro - 3).
- CARIAS, C. Pinto. *De volta as CEBs – uma alternativa para a evangelização atual*. In: **REB**, fasc.256, out.2004.
- CASTILHO, Maria Augusta de (Org). *O sagrado e o místico da fé católica no contexto da territorialidade urbana em campo Grande-MS*. Campo Grande: UCDB, 2006.
- CASTILHO, Maria Augusta et al. *O espaço sagrado em Campo Grande: devoções religiosas e crenças místicas*. Anais da Associação Brasileira de História das Religiões., v. 1, p.23 - 23, 2004.
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.
- CLAXTON, Mervyn. *Cultura y desarrollo*. Estudio. Paris: UNESCO, 1994.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, (21.XI.1964), em “Acta Apostolicae Sedis” 57 (1965). Cf. Editorial A.O, Braga 1992¹¹, n. 55.
- DA MATTA, R. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Populações marginais em ecossistema urbano*. 2.ed. Brasília: IBAMA, 1994.
- DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E. de et all.(Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, RJ. 1995. p. 141-162.
- DIEGUES, A.C. A etnoconservação da natureza. In: DIEGUES, A.C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza*. São Paulo: HUCITEC/ NUPAUB-USP, 2000.
- DOWBOR, Ladislau. *Requisitos para um projeto de desenvolvimento local*. Brasil: BNDES, 2005. Disponível em: <<http://federativo.bndes.gov.br/dicas/D053.htm>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: *Os pensadores*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Ática, 1985.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Estruturas da territorialidade católica no Brasil*. Scripta Nova. *Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales*, v. X, n. 295, 15 de enero de 2006.

- GIL FILHO S. F.; GIL A. H. C. F. Identidade religiosa e Territorialidade do sagrado: Notas para uma Teoria do Fato Religioso. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R.L. (Org.) *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- GOODEY, Brian. *Interpretação do patrimônio para o truísmo sustentado*. Belo Horizonte, 1999.
- GUAJARDO, J. La cuestion del desarrollo local - notas provisórias. *Revista Del Taller de Desarrollo Local*, Chile, n. 1, 1988.
- HAGUETE, Tereza Maria Frota. *Metodologia qualitativa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HERMET, Guy. *Cultura e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. LANDAU, 2001.
- JAVIER, Dinas. *Valores sociales y cultura capitalista en el orden económica transnacional*. Universidad de Duesto, Bilbao, p.11, 1985.
- LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *Ordem local como força interna de desenvolvimento*. Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande-MS, v.1, n. 1, setembro, 2000.
- LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *Territorialidades e dinâmicas sócio-ambientais*, fev-julho de 2006. Notas de aula.
- LIVRO DO TOMBO - Paróquia São João Calábria, 2002.
- LÓPEZ, T. *Servicio social y desarrollo local*. Chile, 1991.
- MARTINS, J.S. *A sociedade vista do abismo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MASINI, E. E. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. In: FAZENDA, I. C. *Metodologia da pesquisa educacional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 59-67, 1994.
- MESQUITA, Z. (Org). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1995.
- MORAES, Roberto José Nery. *Valores civilizatórios das comunidades tradicionais e o princípio democrático*. Disponível em: < <http://mundoacademico.unifap.br/professor/23/view=verarquivo&cod=181>>. Acesso em: 15 nov., 2008.
- NISBET, Robert. *Comunidade, sociologia e sociedade*. São Paulo: LTC, 1978.
- PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- PIRES, Dom José Maria. *O Deus da vida nas comunidades afro americanas e caribenhas*. Palestra de abertura-Missa dos Colombos. João Pessoa, 1987.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica. e tempo. Razão e emoção*. São Paulo. Hucitec. 1994.

SANTOS, M. *A natureza do espaço - Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 1996.

SOUZA, Marcelo J. L. *O desafio metropolitano - um estudo sobre a problemática sócio espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, Marcelo J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et ali. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

THUAN, Cardeal Van. *Testemunhos da esperança*. Cidade Nova, 2002.

TINLAND, F. Interactions, réseaux, différenciation. In: PARROCHIA, D. (Org.). *Penser les réseaux*. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 2001. p.245-265.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad e Socyedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

VASCONCELOS, Sérgio Sezino Doutes. Cultura urbana: religião “a la corte” um diálogo com J.B. *Revista de teologia e ciências da religião da UNICAMP*, Recife, v.2, n. especial, p. 70-86, janeiro, 2003.

VERSHELT, Thierry. *O direito à diferença*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Sites visitados

<http://www.pobresservos.org.br/index.php?target=modules/institucional/historico.php>. Acesso em: 06/11/2007.

http://br.geocities.com/hermesnovakoski/calabria_hist. Acesso em: 06/11/2007

GoogleEarth (<http://maps.google.com>). Acesso em: 10 mar. 2007

ANEXOS

ANEXO A
DECRETO DE CRIAÇÃO DA PARÓQUIA SÃO JOÃO CALÁBRIA

DECRETO DE CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

Dom Vitório Pavanello, por mercê de Deus, Arcebispo de Campo Grande, aos que este decreto virem ou ouvirem, saudação, Paz e Bênção do Senhor!

Fizemos saber que, tendo havido um considerável aumento populacional dentro da área da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida das Moreninhas, tornando-se difícil o atendimento pastoral a toda a paróquia, oferecido pelos zelosos padres joseleitos de Cristo incansáveis no seu trabalho junto ao povo a eles confiado; diante da aceitação e acolhida de nosso apelo ao Superior Geral da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, que aceitou mandar os seus filhos assumirem como paróquia na periferia da cidade de Campo Grande; depois de consultar e receber o parecer favorável do Conselho Presbiteral, ***havemos por bem criar e erigir*** a nova paróquia com sede no bairro Jardim Los Angeles, dedicando-se a Nossa Senhora Rainha da Paz.

Esta nova Paróquia fica totalmente desmembrada da Nossa Senhora Aparecida das Moreninhas, abrangendo os seguintes bairros e áreas territoriais: Campo Real, Campo Nobre, Jardim das Macaúbas, Marajoara, Centro Oeste, Sumatra, Morada do Sol, Los Angeles, Uirapuru, Chácaras e fazendas.

Seus limites geográficos ficam assim estabelecidos: do lado do poente, partido da BR 163, com o córrego Lageado, segue por este e desce até a confluência com o Córrego Bálamo; segue por este até ao encontro da Rua Marco Feliz, nos limites como a paróquia Nossa Senhora da Guia. Segue por esta, em linha reta, até ao encontro, na parte rural, com os limites da paróquia de Santa Catarina Virgem e Mártir, no Ribeirão Cachoeira. Sobe por este, do lado do nascente, até ao encontro com a BR 163. E por esta, até ao ponto inicial, fechando assim o perímetro da nova paróquia.

Cumpridas as sobreditas formalidades, de acordo com o Direito que compete à autoridade diocesana, desmembramos a paróquia Nossa Senhora Aparecida das Moreninhas, criamos e declaramos canonicamente ereta a nova paróquia sob o título de Nossa Senhora Rainha da Paz, com sede à rua Afonso Celso, s/n jardim Los Angeles - Campo Grande, MS.

A nova paróquia gozará de todos os direitos, graças e favores espirituais e temporais que às paróquias competem de acordo com o Código de Direito Canônico e com as disposições contidas no Diretório de Pastoral desta Arquidiocese.

Agradecemos de todo o coração o incansável trabalho pastoral levado, até o presente momento, pelos padres da Congregação dos Joseleitos de Cristo que, em apenas seis anos, foram capazes de desenvolver a paróquia das Moreninhas, o tal posto que hoje se alegra com o nascimento desta sua primeira filha.

Agradecemos aos queridos padres da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência terem aceitado assumir e pastorear esta Comunidade Paroquial. O seu zelo pastoral, com o apoio dos fiéis, tornará esta paróquia uma comunidade viva para evangelizar e santificar o povo que nela vive.

Recomendamos vivamente aos fiéis que vivem nesta nova paróquia de Nossa Senhora da Paz que se reúnam ao redor da sua igreja paroquial e vivam unidos aos seus pastores, formando com eles verdadeiras comunidades celestiais, plenas da fé, de esperança e de amor, atenta a todas as necessidades do culto divino e da caridade cristã.

Este Decreto de desmembramento e de criação seja lido na igreja matriz e capelas da paróquia e também na sede da paróquia de Nossa Senhora Aparecida das Moreninhas, neste e no próximo domingo. Sejam, outrossim, transcrito no livro do Tombo devidamente registrado.

Deus abençoe seus pastores e todos os fiéis na intercessão de Nossa Senhora Rainha da Paz, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Decreto de nomeação de Pároco

Dom Vitório Pavanello, por mercê de Deus, Arcebispo de Campo Grande, aos que este decreto virem ou ouvirem, saudação, Paz e Bênção do Senhor!

Fazemos saber que, tendo sido criada a Paróquia de Nossa Senhora da Paz e tendo sido confiada aos cuidados pastorais dos padres da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, o atual superior geral, através do seu representante no Brasil, de acordo com o Cânon 682 do CDC, apresentou-nos o Revmo Sr. Pe Antonio Gasparini, para ser o primeiro pároco desta sobredita paróquia.

Há em força dos cânones 523 e 682 do CDC, havemos por bem acolher e nomear o Revmo Sr. Pe Antonio Gasparini, Pároco da referida paróquia, com todas as funções, direitos e deveres que lhe cabem segundo o código de direito canônico e o diretório de pastoral da Arquidiocese de Campo Grande.

O pároco é o pastor próprio da paróquia a ele confiada; exerce o cuidado pastoral da comunidade que lhe foi entregue sob a autoridade do bispo diocesano, em cujo ministério de

Cristo é chamado a participar, a fim de exercer em favor dessa comunidade, o ensinar, santificar e governar com a cooperação de outros presbíteros de diáconos e com o auxílio dos fiéis leigos de acordo com o direito (CDC, c, 519).

Exortamos aos fiéis dessa amada paróquia que acolham seu novo pároco com muita alegria, amor e estimam imbuídos daquela fé que leva ao zelo apostólico e ao espírito de comunhão e participação. Dessa forma, o pároco sentir-se-á estimulado em viver seu ministério como pastor, segundo o coração sacerdotal de Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos (Cf MT 20,28).

Exaramos neste documento a nossa profunda gratidão aos queridos padres Joseleitos de Cristo, especialmente aos padres Antonio Andrade Xavier e Francisco Bonfim, por todo o bem que realizaram em favor do crescimento espiritual e eclesial dessa comunidade paroquial, sempre coadjuvada pelo conselho de pastoral, pelos dedicados agentes dos diversos pastorais e movimentos leigos. Deus abençoe e os recompense por todo o grande bem que fizeram nesta região.

Há expectativa de que essa comunidade continue crescendo como modelo de comunidade eclesial, cumulada pela Palavra de Deus, santificada pela oração litúrgica dos Sacramentos, sacramentais e devoções populares, comprometida pela causa missionária da Igreja Universal, sob a constante proteção de Nossa Senhora Rainha da Paz, que desça sobre o novo pároco, sobre o vigário paroquial e a inteira comunidade a bênção de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém!

Pelo presente documento, de conformidade com os cânones 465-ee2 do CDC, nomeio vigário paroquial da paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz, no jardim Los Angeles, Campo Grande, MS, segundo apresentação do representante do Superior dos Pobres Servos da Divina Providência no Brasil, o Revmo Sr. Padre Rosalino Vanzim.

Com a presente provisão, o Sr. Pe. Rosalino Vanzim foi investido de todos os poderes e respectivos deveres que lhe advêm das disposições canônicas e diocesanas, isto é, pregar, confessar, celebrar os sacramentos, presidir os matrimônios segundo o código de Direito Canônico e subdelegar *aol casum!*

Que seu apostolado sacerdotal seja fecundo em benefício do povo de Deus, que o Senhor Jesus, Bom Pastor, lhe confie no dia de hoje, não lhe falte também à proteção de Nossa Senhora Rainha da Paz.

Posse do Primeiro Pároco.

Neste dia, 28 de agosto de 1994, durante a celebração da Eucaristia, presidida por Dom Vitório Pavanello, Arcebispo de Campo Grande, e concelebrada pelos presbitores presentes, contando com a presença e participação de religiosos, religiosas, seminaristas, vocacionados e leigos da comunidade local e de outras comunidades paróquias, houve a solenidade de criação e ereção canônica da nova paróquia dedicada a Nossa Senhora Rainha da Paz. Após a saudação inicial de Dom Vitório, com a leitura do Decreto de criação e ereção, toda a assembléia, jubilosamente, acolheu a nova paróquia.

Logo após o ato da criação, houve a leitura do decreto de nomeação e posse do primeiro pároco, na pessoa do Revmo Sr. Pe. Antonio Gasparini da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.

Ao final da eucaristia, a comunidade prestou a devida homenagem ao seu novo pastor. Manifestou também sua gratidão a Dom Vitório e aos representantes do Superior Geral da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, e aos padres Antonio Xavier, Francisco Bonfim e Rosalino Vanzim pelos serviços prestados à comunidade, com muito carinho e zelo pastoral.

Também foram lembrados todos quantos com seu trabalho e doações cooperaram para o nascimento da nova comunidade paroquial, tão necessária à vida do seu povo, desejo de receber a mensagem de Jesus Cristo e de se construir como igreja muito viva e atuante.

Para registrar esse acontecimento eclesial, lavrou-se a presente ata. Esta será assinada por Dom Vitório Pavanello, pelo novo pároco, por testemunhas e por mim, secretário *ad hoc*.

Durante todo o mês de fevereiro, aos domingos à tarde, faz-se formação para um grupo de senhoras, para habilitá-las a ministrar catequese. E o primeiro passo para organizar catequética já existe um grupo mais antigo, trata-se agora de somar as forças a partir daí.

Fevereiro de 1995 - Inauguração da Casa Paroquial.

É inaugurada a Casa Paroquial. A partir deste momento o pároco tem também um teto. A Casa Paroquial torna-se o ponto referencial para os fiéis; até que enfim saibam onde encontrar seu pastor - começa o atendimento; não temos ainda secretária - todo mundo ajuda um pouco. Alguém traz a comida para o padre. É bonito e edificante ver. Atende-se sistematicamente às confissões. - Celebram-se duas missas na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz aos domingos - e uma na capela São Vicente, aos sábados. Os dois templos estão em condições bem precárias.

Encontro de Jovens

Uma das prioridades da paróquia é a pastoral da juventude, por isso não dispensamos mãos e esforços para que sejam realizados encontros como o JOVISA e outros na paróquia. Em agosto de 1995, conseguimos reunir 67 jovens para articular melhor a pastoral da juventude no âmbito paroquial.

Inauguração do Salão Paroquial - Domingo de Ramos 1996 - com a participação de centenas de fiéis da missa de Domingo de Ramos, inauguramos o salão-capela da sede da Paróquia. Mais uma etapa vencida e que proporcionará novo crescimento da igreja - o salão foi construído em regime de mutirão com o trabalho generoso e solidário de dezena de operários. A celebração deu um colorido de festa e de alegria, expressão forte de uma igreja a caminho da comunhão e participação.

Características da Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz.

A Paróquia caracteriza-se pelo forte dinamismo do seu pároco, empreendedor de obras materiais e pastorais, presente na ação catequética, na formação das lideranças e das comunidades eclesiais, na ação da pastoral social, aberto ao diálogo.

No mês de março de 2001, o Pe. Gionni Menegazzi, Pobre Servo da Divina Providência, durante a Missa presidida pelo Arcebispo Dom Vitório Pavanello, recebeu solenemente a posse como vigário da Paróquia São João Calábria, na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz, cabendo ao novo vigário auxiliar nos trabalhos pastorais da paróquia.

Dia 29 de julho de 2001, às 17h, aconteceu a inauguração da Capela São Felipe Apóstolo, no bairro Jardim Canguru - Rua Ibirá, Q 06 - Lote 26. Essa primeira Missa, celebrada na capela, foi presidida pelo pároco Pe. Antonio Gasparini, com a presença alegre da comunidade.

Inauguração da Capela São Lourenço no bairro Vespasiano Martins - aos 10 de agosto de 2002, sábado, dia de São Lourenço, Dom Vitório Pavanello inaugurou a Capela dedicada a São Lourenço Diácono e Mártir; presidiu a celebração da Missa. Estavam presentes os párocos, Pe. Antonio Gasparini, o Pe. Josuel Boaventura, as lideranças da comunidade, a família que deu mais impulso e arregaçou as mangas para que aí houvesse uma capela. A capela foi construída em tempo recorde - 3 meses e 5 dias - deixamos dívidas, mas é impagável a satisfação pela “façanha”. Deus há de abençoar!

No dia 20 de novembro de 2005, depois de terminada a construção, foi inaugurada a Capela, dedicada a São Marco no bairro Jardim Paulo Coelho Machado. Foram 8 meses de construção, mas graças à providência Divina que não cessou de nos acompanhar, e o empenho extraordinário de Pe. Antonio Gasparini que, mesmo incapacitado, lutando contra as fortes dores na coluna, conseguiu, com muito esforço e apoio de colaboradores, inaugurar mais uma

Igreja em nossa Paróquia. A celebração foi presidida por ele mesmo e teve a participação de várias pessoas que trabalhavam para que fosse acabada em tempo. O Pe. Josuel Boaventura acompanhou o coral de adulto, que animou os cantos na celebração. Foi um momento muito bonito, com a Igreja cheia. Viu-se a necessidade de providenciar mais bancos para o povo se sentar, presente que mais uma vez a Providencia Divina nos deu. Graças a Deus, cada vez mais Ele coloca no meio de nós pessoas com espírito bondoso e cheio de caridade.

Decreto de nomeação de Pároco. Fazemos saber que, tendo o Revmo Pe. Benildo Ceresa, Provincial dos Pobres Servos da Divina Providência no Brasil, com sede em Porto Alegre, transferido o Revmo o Pe. Antonio Gasparini, PSDP, apresento-vos com as mais diversas categorias de pessoas, algumas bastante dissonantes com a fé e outras que até põem em perigo a segurança social da comunidade local.

Outras características positivas que tornam a paróquia fortemente evangelizadora: a atuação pastoral das Irmãs Vicentinas. A presença de muitos jovens nas pastorais, especialmente na catequese. A catequese familiar. As “catequistas - mães”, experiência original que pode servir de modelo para toda a diocese. A pastoral do dízimo, levando o maior número de famílias a participar da Igreja. A regularização religiosa dos matrimônios não constituídos segundo a lei de Deus e da Igreja. A pastoral da criança e da saúde caminhando conjuntamente. O esmero litúrgico nas celebrações dos sacramentos e sacramental.

Decreto de transferência da Sede Paroquial

Dom Vitório Pavanello, por mercê de Deus, Arcebispo de Campo Grande, aos que este decreto virem ou ouvirem, saudação, Paz e Bênção do Senhor!

Fazemos saber que, tendo sido canonizado por sua santidade, o Papa João Paulo II, o Fundador da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, sob cuja direção se encontra a Paróquia Rainha da Paz, com sede na rua Afonso Celso, s/n - Jardim Los Angeles, nesta cidade de Campo Grande, depois de obter o parecer favorável do Conselho Diocesano de Presbíteros, **havemos por bem mudar o orago desta paróquia para São João Calábria, transferindo a sua sede para na rua Olivério Rodrigues da Luz, nº 247 - Jardim das Macaúbas.**

No dia 18 de abril de 1999, na Missa Solene das 9h a Paróquia que trazia o nome de Nossa Senhora Rainha da Paz, mediante autorização de Dom Vitório Pavanello, passou a ser chamada de paróquia São João Calábria (Fundador da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência).

Nessa mesma data, em comunhão com toda a Igreja e, em especial, com os fiéis reunidos em Roma, celebramos em ação de graças, a canonização do Bem-aventurado João Calábria.

Em maio de 2000, por ocasião da Festa de São José (Patrono dos trabalhadores), celebramos a inauguração da Capela situada no bairro Jardim Centro Oeste, que recebeu o nome de capela São José Operário.

Foi um dia de grande festa para toda a comunidade.

Para sucedê-lo, foi nomeado como novo pároco, o Revmo Pe. Josuel dos Santos Boaventura, PSDP. Nós, atendendo as necessidades espirituais dos fiéis da paróquia São João Calábria, em Campo Grande, MS, havemos por bem confirmar e nomear o Pe. Josuel dos Santos Boaventura, pároco da sobredita Paróquia, com todos os direitos e deveres inerentes ao cargo que lhe é confiado.

ANEXO B
DECRETO DE TRANSFERÊNCIA DA SEDE DA DA PARÓQUIA SÃO
JOÃO CALÁBRIA



ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE

Cúria Metropolitana

R. Amando de Oliveira, 448 - B. Amambai - 79008-010

Fone: (067) 384.4522 - Fax: (067) 384.4592

Cx. Postal 554

79002-970 - Campo Grande-MS

DECRETO DE TRANSFERÊNCIA
DA SEDE PAROQUIAL

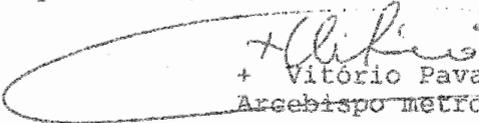
DOM VITÓRIO PAVANELLO,
POR MERCÊ DE DEUS, ARCEBISPO DE CAMPO GRANDE,
AOS QUE ESTE DECRETO VIREM E OUVIREM,
SAUDAÇÃO E BÊNÇÃO DO SENHOR.

Fazemos saber que, tendo sido canonizado por sua Santidade o Papa João Paulo II o Fundador da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, sob cuja direção se encontra a paróquia Rainha da Paz, com sede à Rua Afonso Celso, s/n - Bairro Jardim Los Angeles, nesta cidade de Campo Grande, depois de obter o parecer favorável do Conselho Diocesano de Presbiteros, HAVEMOS POR BEM MUDAR O ORAGO DESTA PARÓQUIA PARA SÃO JOÃO CALÁBRIA, TRANSFERINDO A SUA SEDE PARA A RUA OLIVÉRIO RODRIGUES DA LUZ, No 247 - JARDIM DAS MACAURAS.

Deus abençoe, na intercessão de São João Calábria, os padres e religiosos Pobres Servos da Divina Providência e todos os paroquianos desta paróquia, para que, à imitação das virtudes deste novo santo, todos se animem a trabalhar pela causa do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em estreita comunhão com a Igreja católica, através dos seus pastores, construindo uma Igreja de comunhão e participação, no espírito apostólico de São João Calábria.

O presente decreto passa a vigorar na data da sua proclamação, revogadas todas as disposições em contrário.

Campo Grande, 18 de abril de 1999


+ Vitorio Pavanello
Arcebispo metropolitano


Pe. Fabiano Villela de Figueiredo
Chanceler do Arcebispado

Prot. 116/99
Livro 03

ANEXO C

PROJETO - CENTRO SOCIAL MADRE MARIA HUBERT

CENTRO DE PROMOÇÃO HUMANA E SOCIAL MADRE MARIA HUBERT

PROJETO

CAMPO GRANDE-MS

2008

O Centro de Promoção Humana e Social Madre Maria Hubert foi inaugurado oficialmente no dia 27 de setembro de 1993, por Irmã Edina Leite Gonçalves, Presidente da Associação Beneficente Madre Maria Hubert e pela Tesoureira Irmã Juraci Maria Procópio.

O Centro está localizado na rua do Sucre, 453 - Fundos, bairro Frederico Portinho Pache, 79051-590, Campo Grande-MS.

O Centro de Promoção é mantido pela Associação Beneficente Madre Maria Hubert, que funciona no mesmo endereço.

O Projeto foi criado com a intenção de resgatar a dignidade da pessoa humana, por meio do processo educativo que favorece a auto-organização, autodeterminação da clientela, a inserção no meio familiar, escolar, social e cultural. Fortalecer a auto-estima, viabilizar meios para sanar a situação de carência, oportunizar a elevação do padrão de vida sócio familiar.

Esse Projeto trabalhará com atividades de corte e costura, pinturas em tecido, atividades artesanais, confecção de roupas de cama, economia doméstica, culinária, alimentação alternativa, congelados, datilografia, reforço escolar, educação de base (higiene, saúde, formação humana, religiosa, social, cultural e política). Encaminhamento para obtenção de aposentadorias, documentação, continuidade ao curso de alfabetização para jovens e adultos.

Em setembro de 1993, foram matriculadas 20 crianças, chegando em dezembro um total de 25, distribuídas em duas salas. Nesse mesmo ano, foram iniciadas também aulas de corte e costura, datilografia e alfabetização de adultos, ministradas por pessoas voluntárias.

Em 1994, o trabalho recomeça, sendo feita uma parceria com a Promosul (Fundação de Promoção Social do Mato Grosso do Sul), que ajuda com alimentação e pagamento das professoras. Foram matriculadas 60 crianças e desenvolvidas muitas atividades durante o ano, tais como: integração grupal e familiar, reforço escolar, higiene, alimentação reforçada, lanche, almoço e janta.

Em 5 de maio de 1994 falece inesperadamente, em um acidente de carro, a Presidente Edina Leite Gonçalves. Com esse acontecimento, Juraci Maria Procópio, até então tesoureira e vice-presidente assume a presidência de maio a julho e Judite Pinto de Oliveira assume a tesouraria, até a eleição da próxima diretoria, que foi realizada em julho de 1994. Após a eleição, toma posse Ir. Maria Socorro Álvares de Assunção, como Presidente da Associação.

Em 1995, as atividades recomeçam com êxito, sendo matriculadas 88 crianças, distribuídas nos períodos matutino e vespertino. Diversas atividades educativas foram realizadas, ministradas aulas de crochê, confecções de tapetes, trabalho com hortaliças, atividades artísticas, esportivas e participação em atividades culturais.

Em 1996, foram matriculadas 122 crianças. Pode se observar que a demanda não cessa de aumentar, incluindo acompanhamento de suas famílias, oferecendo palestras e cursos esporádicos.

Nesse mesmo ano, foi firmado um convênio Brasil Criança Cidadã, por meio da Promosul e com a verba recebida, foram realizados cursos profissionalizantes para as crianças e para as mães, efetuada a compra de uniformes para as crianças e contratada uma professora para ministrar aulas de danças para as crianças. O ano foi encerrado com festa e apresentações culturais.

Em 1997, foram matriculadas 98 crianças, para os períodos matutino e vespertino, o Projeto reinicia suas atividades com o mesmo dinamismo, oferecendo atividades de reforço escolar, participações culturais e palestras para os pais, sempre mantendo a parceria com a Promosul, que acompanha as professoras, oferecendo cursos periódicos.

Em 1998 e 1999, o ano reinicia com muitas demandas e algumas matriculas foram negadas por falta de espaço físico. As atividades continuaram com sucesso, sendo realizados cursos e atividades culturais para as crianças e para os pais. Muitos voluntários se apresentaram para somar forças e realizar um trabalho com qualidade.

Irmã Maria Reginato assume a presidência de Julho de 2000 a Julho de 2003, e Irmã Léia Magda de Oliveira, a tesouraria da Associação. O Estado de Mato Grosso do Sul assume uma nova forma de trabalhar com os projetos, não contratando mais os professores e funcionários. Novo convênio assinado com a Secretaria Estadual de Trabalho, Assistência Social e Cidadania Solidária estabelece uma per capita de R\$ 20,00 reais por criança e ajuda com alimentação e material de limpeza. As despesas complementares com alimentação, limpeza, funcionários e outras, tais como, materiais didáticos e pequenas reparações, ficam a cargo da Associação. Ficou estabelecido pelo convênio o atendimento a 110 crianças nos períodos matutino e vespertino.

A Secretaria de Assistência Social, ligada à Prefeitura Municipal de Campo Grande, firmou um convênio, repassando uma ajuda de custo para a Associação, para complemento das despesas.

Irmã Maria de Lourdes Braz Sobrinho assume a Presidência e Irmã Nair de Brites a tesouraria da Associação em Julho de 2003.

Em 2004, o ano inicia com 60 crianças matriculadas no período vespertino. Foi firmado o convênio com o Estado, sendo que o valor per capita, continuou de R\$ 20,00 por criança e apesar da solicitação de aumento, não foi atendido. A Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social também renovou o convênio com a Associação, fazendo um repasse para ajuda de custo em 12 parcelas. Percebe-se que o bairro cresceu, desenvolveu e as famílias antes vulneráveis foram para outros bairros periféricos ou mudaram sua condição social e sentimos pela pouca demanda que o trabalho já não tem necessidade nesse local.

Depois de três anos de reflexão e após uma experiência de dois anos de trabalho com crianças e adolescentes no Jardim das Macaúbas, região do Grande Los Angeles, decidiu-se transferir o Centro Social Madre Maria Hubert para a Paróquia São João Calábria.

JUSTIFICATIVA

1. Dar continuidade ao atendimento de Acompanhamento Escolar, lazer, atividades artísticas, culturais e artesanais, estimulação para a alfabetização, alimentação e promoção da criança.
2. Prevenir situações de risco, de vícios de evasão escolar e de repetência.
3. Desenvolver nas crianças e adolescentes habilidades na área de informática, gosto pela música, pelo belo.
4. Ajudar no processo da des-construção de exclusão social, econômica, familiar e religiosa.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O Centro de Desenvolvimento Humano e Social Madre Maria Hubert se propõem a acolher crianças e adolescentes empobrecidos na faixa etária de 06 a 14 anos da 1ª a 4ª série, priorizando os menores para o acompanhamento escolar, alimentação, lazer, atividades artísticas e artesanais, evitando assim a vulnerabilidade a que estão expostas. Atender as mães em atividades múltiplas.

Objetivos específicos

Com este projeto social de atendimento às crianças e adolescentes, pretende-se:

- Tirá-los da rua

- Preservá-los do assédio das gangues que os envolvem no mundo das drogas.
- Garantir que seus direitos fundamentais sejam conhecidos e respeitados.
- Educar para se ter uma alimentação adequada para o seu desenvolvimento físico e mental, suprimindo assim alguma deficiência encontrada na alimentação de casa.
- Ajudá-las nos estudos com acompanhamento escolar, evitando assim a evasão escolar, despertando o gosto pelo estudo acadêmico.
- Oportunizar a formação e o resgate da cidadania infanto-juvenil.
- Trabalhar e realizar a inclusão social.

PRINCIPAIS ATIVIDADES E METAS

As principais atividades são realizadas por meio de oficinas.

OFICINA	MONITOR	DIAS DA SEMANA
Capoeira	Helton	3ª feira
Coral	Cibele	5ª feira
Artes	Luciana	2ª e 5ª feiras
Literatura Infantil	Monitoras	4ª feira
Esporte/Recreação	Monitoras	2ª feira
Canto/Teatro	Ir. Denize	4ª feira
Crochê	Silvana	2ª e 4ª feiras
Dança	Rosângela	3ª 5ª feiras
Obs. O horário para todos os dias é das 14 às 16 horas		

APLICAÇÃO DOS RECURSOS

Os recursos serão aplicados para ajuda em transporte e materiais para as oficinas e na confecção de uniformes, tanto para a capoeira como o uniforme de uso diário do Centro Social.

Campo Grande, 12 de abril de 2008.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)